



ANTOLOGIA
ANGOLA-BRASIL

**LAÇOS LITERÁRIOS
NO MAR... NO AMAR!**

EQUIPE LUSOFONICA ANGOLA-BRASIL

1º Edição - 2020 - Volume 1

Índice

Ficha técnica.....	8
Agradecimentos.....	10
Sinopse.....	12
Prefácio.....	14
Amor egocêntrico	17
Luz do Sol.....	18
Insano.....	19
Quero-te.....	20
O teu olhar.....	21
Além das eras	22
Combustão.....	23
Ondas do mar	24
Teu Beijo.....	25
Maria.....	26
O verdadeiro amor.....	27
Um poema e seus elos	28
Sem igual.....	29
Coisas do coração.....	30
Ágape	30
Confissões de um mulherengo.....	32
Vestida de amor.....	33
Notas perfeitas	34
Incêndio.....	35
A música em nossos corpos	36
Exílio	37
Viagem de amor.....	38
Levitei... ..	39
Hoje te encontrei.....	40
Dunas.....	41
Chamo a ti de borboleta.....	42
Encantei-me... ..	43
Entre as tuas coxas	44

Em tua face.....	45
Mama, minhas maminhas	46
Diga-me para ficar	47
Pátria	49
Maquiavélicos	50
Eu sou de lá.....	51
África	52
Chinchin.....	53
Por causa da Seca (Poema Dalangola)	54
Meu Lubango	55
Eleições.....	56
Que amores vêm e vão.....	58
Adeus.....	59
Apenas recordar.....	60
O silêncio dos amantes	61
Teu Olhar	62
Adeus.....	63
Fim de noite.....	64
Naquele dia 14 (Poema Dalangola).....	65
Adormeço.....	66
Dia Tenebroso.....	67
Morena da esquina.....	68
Desvanecer (...).....	69
A dor de te amar (Soneto).....	70
Quanta Saudade	71
Desamor.....	72
Pétalas de poesia	73
Meu veleiro.....	74
Minha Represa	75
Ciclo encerrado... ..	76
Somente Tua	77
Já não importa.....	79
É hora de despertar.....	80

De que vale sentir	81
A vida.....	82
Impulso.....	83
Amar para viver um dia mais	84
Mensagens de puro amor.....	85
Tenciono viajar	86
Marmitas vazias	88
Viagem.....	89
Mergulhados no mesmo amor	90
Rouxinol de nós.....	91
Lágrimas	92
Humbi humbi.....	93
Livro da vida.....	94
Desabafo de um E.T	95
Hoje, mãe.....	96
Demência Intelectual	97
Por que choras?.....	98
Névoa	99
Eco Carmesim	100
Mundo	101
O quadro.....	102
Corpos que renunciaram a vida.....	103
Escritor.....	104
Inverno	106
Mãe.....	107
Meu Amor é Noite.....	108
Fundo d'alma?.....	109
Saudades	110
Tango Sem Melancolia.....	111
Voltarei	112
Afro	113
Minha essência	114
Gavetas da saudade.....	115

Reme (Pôr do Sol).....	117
Há dias assim	118
Que te faz um poeta?	119
Amém... Amém Jesus!	120
Busca.....	121
Eu sozinha e Tinta no Papel	122
Raylórico.....	123
Anseio	124
Íamos ao campo no tempo da liberdade.....	125
Última gota	126
Só um Céu!	127
Trova 51 (nº2).....	128
Que nem uma flor	129
Cantares de estrela.....	130
Tempo primeiro.....	131
Quem é o poeta?	132
Oh...!	133
A criação	134
Tempo segundo.....	135
Partilha (Rondel).....	136
Espírito Santo.....	137
Aroma.....	138
Já não quero defender ninguém!	139
Uma tremenda vontade	140
Haikai 30.....	141
Identidade	142
Sussurros!...	143
Velha vila velha	144
O quanto for capaz	145
Cravo de rosa mariana	146
Poema Dalangola	147
Além das eras	148
Essa coisa chamada saudade	149

Corrupção	150
A formação	151
As metades que uma pessoa tem	152
Que sede!	154
Quase incomum	155
Tio João Caçador	160
Editado	162
Damiana e Túlio	163
Um presente das calemas	166
Sobre os autores	167

Ficha técnica

Título: Laços literários: No mar... no AMAR

Autores: angolanos & brasileiros

Revisão: Débora Lima, Nina Costa & Mille Tavares

Prefácio: Francisco Aurélio Ribeiro

Capa: JPC Editores(Antônio Teixeira) joaopaulobrasileiroescritor@gmail.com

Apresentação: Pedro Antônio de Souza

Edição: Belson Pedro Raimundo Hossi

Editora Digital: Água Preciosa (Academia de Autores da Huíla)

© 2020 Mille Tavares & Nina Costa

Lubango - Angola

Aos
pais e irmãos,
Parceiros e Filhos,
Amigos e Colegas,
Leitores e artistas

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Francisco Aurélio Ribeiro, pelo carinho, simplicidade na redacção do prefácio desta obra.

À Nina Costa por ter aceite o desafio de participar na equipe organizadora desta Antologia de sonhos. É uma guerreira sem igual.

Aos autores de Angola e Brasil que, sem olhar para atrás, aceitaram o convite e conseguiram trazer consigo mais um autor e juntos tornaram real esta obra. Quão dóceis e maravilhosos sois. É uma experiência sem tamanha por trabalhar convosco. Os textos falam por si.

À Academia de Autores da Huíla e à Associação de Autores na Huíla, pelo projecto inovador. À JPC Editores, representado pelo Sr. António Teixeira, Pedro Antônio, Débora Lima, pelo compromisso e honra.

Sinopse

Não era, de fato, para ser uma obra vasta e com a participação de muitos autores. A entrega desmedida dos autores que integram esta obra, fez com que pudéssemos chegar até aqui. No entanto, rompemos dos versos da vida as estações, atravessamos o mar e porque a nossa Pátria é a Língua Portuguesa, unimo-nos pelo mar.

Repleta de um conjunto entrelaçado de palavras, as viagens tomam rumo numa valsa poética, dividida também pela prosa poética, versificada e apimentada por alguns pequenos contos e romances.

Uma Antologia que rompe fronteiras "Laços Literários: **No mar...no AMAR**"

1- Partindo do fato concreto de sermos dois países lusófonos, com fortes raízes históricas e culturais, surgem o LAÇOS.

2 -Tendo em conta o objeto-alvo do nosso fazer, surge LITERÁRIOS.

3 - Do que nos une fisicamente e que foi a via de acesso aos nossos continentes, apesar das suas razões ou "desrazões", surge MAR.

4 - Pensando no que motiva, possibilita, inspira, provoca, acrescenta, etc. e, tal à VIDA é geralmente apresentada no substantivo, sentimentos provocados a usa-la no verbo, surge AMAR.

5 - A substituição da conjunção pela reticência, deu-se com a intenção de desconstruir a forma habitual de escrever.

Como é do conhecimento desta diletta lítero-irmandade, estes esclarecimentos são pós-criação. É como entendemos, o produto/título construído.

6 - A régua literária de cada autor, é respeitada nessa obra e, a língua utilizada também. No entanto, a obra apresenta-se escrita sob duas variantes de uma mesma língua: Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE).

Prefácio

Existe muita coisa em comum entre o Brasil e Angola e não apenas a Língua Portuguesa herdada do colonizador português, embora talvez essa seja a mais importante, pois uma língua carrega uma marca cultural e uma identidade que definem um povo e um país. Todavia, a influência africana no Brasil aparece em uma série de traços culturais e pode ser vista no idioma, na comida, na música, nas manifestações religiosas e no próprio jeito de se comportar do brasileiro. Não à toa, a palavra “ginga”, cuja origem está na célebre rainha Ginga de Angola (1582-1663), define não só um passo da capoeira, mas a nossa própria maneira de ser e de sobreviver. Sem ginga, não sobreviveríamos ao banzo, e não saberíamos resistir às crises econômicas, às politicagens, à religião falsificadora, ao bandido e ao ladrão.

De tradição bantu, Angola foi um dos países que mais contribuiu para essas influências e, durante o período colonial e até o final do século XIX, de lá veio a maior parte dos africanos escravizados que formaram grande parte do povo brasileiro. A exterminação sistemática dos povos nativos, a ocupação de suas terras por colonizadores europeus, a devastação das matas seculares para a criação das grandes fazendas e seus engenhos de açúcar, depois substituídos pelo café, hoje, pela soja, transformou o nosso país na sociedade das poucas casas-grandes e das muitas senzalas. Em Angola, a colonização também não foi diferente.

Esta Antologia reúne 23 escritores, 11 angolanos e 12 brasileiros, e revela um outro traço que nos une, nos aproxima e nos salva, a Poesia, aqui como sinônimo de Literatura, a arte da criação literária. É uma coletânea que pretende, segundo seus organizadores, Nina Costa, do Brasil e Mille Tavares, de Angola, romper as fronteiras entre os nossos dois países lusófonos, tendo como objeto-alvo o fazer literário. O nome escolhido “No Mar... No AMAR”, por eleição entre os componentes da coletânea, tendo este, de autoria do poeta Pedro Antônio de Souza, remete ao Oceano Atlântico, a fronteira comum aos dois países e ao sentimento que nos liga. Esse “mar salgado” não são apenas “lágrimas de Portugal”, conforme o tão sabido poema de Fernando Pessoa, mas muito mais as lágrimas, as vidas e os sonhos de milhares de africanos despojados de sua terra natal e trazidos, a ferro e a fogo, para o ‘novo mundo edificar’, segundo Camões.

Nestes 134 textos literários da coletânea, 129 são poemas e 05 são contos, distribuídos em 8 partes: “Amor”, 31, “Patrióticas”, 08 (curiosamente todos de angolanos), “Desamor”, 20, “Pensamentos”, 08, “Vida”, 17, “Saudosistas”, 09, “Geral”, 36 e “Contos”, 05. São

textos escritos pela nova geração de escritores angolanos e brasileiros e neles pode-se observar as diferentes formas de se demonstrar a poesia, sobretudo as mais tradicionais como os sonetos, trovas, haicais, baladas, canções. Parece que as experiências de desconstrução e de fragmentação da palavra, do verso e do poema, tão comuns nas vanguardas literárias modernas e pós-modernas no século passado, não estão mais em voga aqui ou no além-mar. O leitor dos poemas desta antologia poderá observar que tanto estética quanto tematicamente, há um predomínio dos sentimentos e dos sentidos na criação poética. Afinal, já nos disse Octávio Paz: "a poesia é feita de palavras enlaçadas que emitem reflexos, vislumbres e nuances: o que ela nos ensina são realidades ou ilusões?" e ainda: "o poema não vemos com nossos olhos da matéria, e sim com os do espírito".

Taí a dica, prezado leitor: ler esses poemas antologizados de escritores angolanos e brasileiros, buscando esse espírito ancestral que une nossas culturas, nossas identidades e nossas diferenças. E, agora sim, reafirmando Pessoa, "nossa pátria é a nossa língua", pois, por meio dela, nos podemos conhecer, sentir-nos e, quem sabe, amar-nos. Afinal, só se ama o que se conhece, já nos dizia Santo Agostinho.

Vitória do Espírito Santo, quase primavera de 2020.

Prof. Dr. Francisco Aurélio Ribeiro

Presidente de Honra da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Maria Antonieta Tatagiba - Artes, Histórias e Letras, de São Pedro do Itabapoana, Mimoso do Sul-ES

AMOR

“Não negue seu carinho àqueles que se desvelaram
para lhe proporcionar felicidade”

Desconhecido

Amor egocêntrico

Em todas as noites
por onde passei
jurei descalços;
com sorrisos rasgados para borrifar o teu coração escasso

Sem cansaço
pintei os teus lábios
com a cor dos meus

Minha Grécia de Platão
já invoquei aos santos
mas não acho o compasso
dos teus passos

Neste quadro
eu guardo o arco dos teus seios
cuspidos no jornal da última ceia (...)

Ceia que anseio
quando te vejo
sinto ciúmes polígamos, no mais alto sentido onde os teus beijos são
privados por versículos.

Poeta das Indumentárias,
Bessa Cadeia
Huambo-Angola

Luz do Sol

Como negar que meus pensamentos são teus?

Amanheço, e logo a tua imagem ganha força

E desejo de ideal paisagem.

Uma imensa vontade de vencer os vales,

Subir as montanhas, chegar ao topo,

De tocar o céu dos teus olhos, de descer à terra do teu corpo...

É assim que te trago bem dentro de mim.

O tempo passa lento, mas o coração ganha alento quando imagino
que o dia será pleno, com a gente se amando...

A cama em desalinho...

Confesso ser esse o tino dos meus devaneios.

Contigo, quero repartir abraços, desatar nós,
parir sorrisos, navegar...

A qualquer e em todo momento anelo inebriar-me no teu cheiro.

Alimentar tua fera...afagar-te por inteiro!

Aquecida pelo teu calor, vou transpirar segredos, aquietar-me em
teus braços, meu amor...

Ah! Como suspiro de tanta saudade...

Sei que logo, por divina vontade, chegará o dia em que estaremos
juntos outra vez...

Celebraremos a chegada da Luz do Sol em cada amanhecer...e sei
que nunca mais vou te perder.

Élle Marques,
E.A. Reservados – Brasil

Insano

Quero-te apenas por um instante
Numa valsa insana de desejos
Completar meu eu com o teu corpo
Em um beijo ardente sufocar-me o grito
Abafado há anos em sigilo secreto.
Quero sentir o fluido quente
Banhar-me inteira nessa hora louca
Do sanar desejo que aflige os corpos
Entrelaçados em apenas um ritmo
De realizar o desejo insano
Que estremece ao copular inerte
Da entrega inconstante
Da paixão alucinante
Do amor mais provocante
De dois amantes constantes
Em busca do insano desejo

LN Rocha,
Aracaju, Sergipe-Brasil

Quero-te

Quero-te inteiro, meu menino vadio,
Faminto, intenso, sedento por mim.
Meu ardente e envolvente homem no cio.
Toda tua vontade, teus desejos em mim.

Quero tua pele, teu toque, teu cheiro.
Tua fome que jamais sacia
Delirar com teus movimentos
Neste fogo intenso

Que invade, que queima, que arde.
Fecho os olhos e sinto teus dedos
Percorrendo-me por toda parte

Explorando, incitando, instigando
É carne! Tua carne que enrijece
É você, meu homem que extasia.
Sou eu, tua fêmea que enlouquece.

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

O teu olhar

Teu olhar é uma sesquiáltera
Para este meu coração tão frágil.

Dos versos soltos lembro-me de ti:
As palavras soltas,
As palavras sem voltas
Os olhares morosos no álveo
E o sorriso níveo
O cicio ecoado das folhas verdes,
As cantigas do além
E dos abraços também

...adoro esse teu olhar sedutor
Sedutor como a donzela que no leito me espera
Não sou eu quando olhas para mim
Só sou parte de mim...

De braços abertos te espero
Tocar-te, enfim, sem vaidade
Pois, anelo
Alma minha,...beldade

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Além das eras

E quando sonho que não te conheço
Acordo chorando, trava-se o peito
Quando se confunde o pensamento
E vejo-me, assim, soltando a tua mão

Minha alma aflige-se dentro de mim
Sinto que pereço nesses pesadelos
Pois, só a teu querer, o meu responde sim
E, só teu corpo compreende os apelos

Da minha carne feita dependente
Da tua matéria e do cheiro que libera
Se no sonho, bem mais na realidade
Necessito pertencer-te além das eras.

Débora Évellyn Oliveira Lima,
Vitória de Santo Antão –PE- Brasil

Combustão

Você chegou de mansinho
Na minha varanda cedinho
E brincou com o meu passarinho

Deitou na minha rede devagarinho
Deu-me um beijo na testa
E sem nenhum respeito me tocou com carinho

Não pediu licença pra me deixar desse jeito
Deitou sua cabeça em meu peito
Para ouvir meu coração

Confesso que não queria
Sentir tão doce agonia
Ardendo em mim como brasa fazendo de mim um tição

Não me faça tal despautério
Incendiando-me com tal intenção
Talvez você não suporte meu corpo em combustão

Queimo por dentro e por fora
Devastando o que vem pela frente
Onde antes calmaria, agora alvoroço ardente

Por isso, não se atreva
Na minha varanda entrar
Com o meu passarinho brincar
Na minha rede deitar
E ouvir meu coração

Pelo caminho que vieste
Volta sem demora
Não desperta o que dorme
Se ainda não é aurora

Cris Miranda,
Brasil

Ondas do mar

Tu és o céu ou és uma praia?
Por um lado, vejo teus olhos
Brilhando como estrelas
E cor branca em teus finos lábios
Brilhando como a lua
Mas de teus lábios
Vejo um sorriso que flutua
Que de longe parecem ondas do mar
Aqueles que se formam a partir do vento
Na superfície do mar

Vejo em teu rosto a se formar
Um sorriso como as ondas do mar
Um sorriso que se estende ao todo
À água da costa do atlântico
Que aos poucos em mim se traduz
Em um tom melódico

Vejo-te em dias de sol e de calor...verdade
Vejo-te em dias de frio e humidade
Vejo-te sempre e com esse teu sorriso como as ondas do mar

Cada vez que os ventos do amor batem em teu rosto
Sucede um facto que eu gosto
Vejo formar em teus lábios, pequenas ondulações
No amor, quanto maiores forem as precipitações
Maiores são no rosto as tuas ondas
A que se segredos te (res)guardas?

Sei que esse teu sorriso feito ondas do mar
Que cada vez mais me está a chamar
Quer beijar as areias do meu corpo
Recordando-me que viva estás para mim!

Se esse for o desígnio,
Dispa-me por inteiro, beija-me o corpo,
A ver se me toco
E aos poucos em teus fascínios me perco,
Que seja a mesma esta forma
De as ondas em ti se difundirem,
Que não mude a tua origem também
Pois quero que me arrastes
Às profundezas do oceano,
me leva além
Que eu caia como algo pesado em tuas ondas,
E me afogue em ti para sempre!

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Teu Beijo

Tudo aconteceu de repente
Entre lágrimas e soluços
Devagar toquei teu peito,
Sem intenção de o atíçar.

Falávamos apenas da dor
De quão grande era a saudade,
Que tudo aquilo deixou.
De repente, apertou-me em teus braços,
Roubaste um beijo que acendeu em mim
A fúria de um desejo louco
De me deixar ser beijada por ti.

Teu beijo ardente e sedutor,
Tua língua em minha boca a trair-me
Despertando meu corpo em um abraço
Beijaste meu queixo, meu nariz,
Senti-me como adolescente
Beijando seu primeiro amor,
Mas tudo isso era inusitado, impossível
E teus beijos, meus lábios marcou.

Quanto mais tu me beijavas, mais eu queria
Teu beijo doce, ardente e sedutor,
Sentia que meu corpo inteiro tremia
E aflorava o desejo do amor.

Tua boca beijando-me inteira
Senti-te enrijecer,
Apertando-me entre teus braços
Sentindo teu cheiro me endoidecer,
Desejando que o tempo
Parasse por um instante
Eternizando o momento
Do que vivi contigo.
Teu beijo ficará na lembrança,
Guardado com toda paixão
Nesse pobre coração
Do que significou para mim.

LN Rocha,
Aracaju, Sergipe-Brasil

Maria

Olha este parágrafo dezoito
a dizer que no artigo dos teus olhos
desfilo perdido como um ninja apaixonado

Companheira dos deuses (...)
és tu que me lembrei de ti como vinho gaivota nos meus lábios
Ah! Ah! Ah!
Balsameira da minha alma
Sei perfeitamente
que não és a Própria nem a Lixa, mais tremuras em mim os teus
sabalos pintados ao girassol do kuduro...

És tu, Maria!
que não fuma liamba
mais me enrola todos os dias com 5.480 beijos e 900 carícias(...)

Poeta das Indumentárias
Bessa Cadeia
Huambo-Angola

O verdadeiro amor

Absorta e em seus propósitos envolta
No domínio que o coração conduz
Aberta à psique, que afoita,
No ímpeto da paixão, seduz!

Seduzida, pois,
Não sente que se fere ou açoita!
Sentimento divino que só a ternura induz
Imensa, intensa, avessa aos descaminhos

Só sabe amar e amar e o seu coração,
A cada dia mais e mais amor produz
Segue, vai a diante, fluida em seu caminho.
Não mais importa se amar tão só, é destino.

Assim, diafanamente sobrevoa a emoção
E entregue, envolta em luz,
Conspira à memória solta, em ação.
Sim, é o verdadeiro amor, deduz!

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

Um poema e seus elos

Nadando em teu pesadelo
Sete tons de amarelo
Pedacos de um castelo
Um fio de cabelo

Aquele Modelo
Nada a ver, é algo belo
Música muda de um violoncelo
Sangue e um perdido chinelo

Cartas não escritas e um selo
Felicidade e um duelo
Coelhos, borboleta e cogumelo

Mãos, pregos e um martelo
Pregos no cotovelo
Algumas rimas e um poema singelo

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Sem igual

Vereda,
Cânticos dos poetas,
Forma inspiradora, beleza sem igual,
Somente tu, tens essa forma sensual,
Despida ou vestida, sempre fenomenal,

Todos querem os seus brilhos,
Todos seguem os seus trilhos,
Seu vislumbre embriaga qualquer um,
Musa dos sonhos e delírios,
Entre você e a inspiração existe algo comum,

Para os meus olhos, és colírio,
Mística quando gemes nas noites,
Extasiante, encantada para amantes,

Prisioneira dos desejos e ilusões,
Serena, inspiradora de visões,
Busquei a tua sagacidade,
Defini-te em paixões,

Muitos julgam te compreender,
Em suas vestes buscam prazer,
Mas será que entendem a sua essência,
Ou apenas limitam-se a buscar a sua fragrância...!?

Não sei, pois, cada um sabe de si...
Em ti busco a verdade,
És o símbolo da liberdade,
Que em versos, pinto com simplicidade!

Daniel Miguelavez,
Luanda - Angola

Coisas do coração

Sem interesse te olhei
Sem perceber me apaixonei
Na inocência te quis
E brincando te conquistei.
O tempo passou galopante...
Fomos tudo que poderíamos ser...
Fomos amigas e fomos amantes.
Mas o que eu não pude prever
É que logo ali a diante...
Eu te perderia.
Mãos estranhas te levaram para

Tão longe que os meus olhos
Já não te alcançavam mais
Triste afoguei-me
no meu pranto...
Tranquei meu peito.
Calei meu canto...
Apenas sobrevivi.
Os dias passaram-se lentamente,
E aos poucos fui deixando
De pensar em ti.
Até que resolvi reabrir as portas do meu coração ...
E uma outra pessoa conheci...
De volta ao jogo da vida,
Nesta nova paixão investi.
Tudo parecia bem ...
Mas como entender as coisas do coração?!
Eu já nem me lembrava de ti...
Mas bastou os meus olhos cruzarem com os teus...
Para perceber que jamais te esqueci.

Adriana Pacheco,
Brasil

Ágape

Quando eu trilhava um destino
Cujo fim era um abismo profundo
Tua mão me resgatou do desatino
Das minhas ilusões de mundo

Enquanto, desorientada, seguia
Sozinha por veredas sujas e alagadas
Teu olhar iluminou a minha estrada
Fez-me ver, enfim, a luz do dia.

E, quando já não existia em mim
Voz de júbilo para te retribuir
Revelaste-me um amor assim
Impagável, pleno e sem fim.

Alguns pensam até que foi sorte
Outros, uma louca excitação que passa
Tão ligeira quanto nos vem a morte
Mas, eu sei, foi tua graça
Sim, eu sei, foi tua graça.

Débora Évellyn Oliveira Lima,
Vitória de Santo Antão -PE- Brasil

Confissões de um mulherengo

Sei que estou sempre a variar
Em outras bocas beijar
Não sou mulherengo
Contigo sinto-me inteiro
Ainda que sinta outro cheiro
É teu corpo que quero
Contigo sinto-me realizado
Para não dizer amado

Ainda que busque outro corpo
É a ti que eu volto
Não é safadeza
Tu és meu consolo
Minha segurança
Minha fortaleza

Teu encanto que encanta
Cheiro de mulheres encantadoras
Não sei que íman tens
Estou sempre provando outras drogas
Aventurando-me em outras bocas
Mas a tua!
Tua boca, mulher
Tem uma adrenalina que vicia
Faz-me sempre ter as melhores aventuras.

Lúcia Gerlú,
Luanda-Angola

Vestida de amor

Meu eterno menino...
Aqui novamente estou.
Corro agora para os teus braços
Pois, somente em ti, sei quem sou!
Não me deixes só, neste minuto.
Vem e me dê a mão, nada acabou.
Venho vestida de sonhos e de amor
E trago em minh' alma imbuída
A vida, a esperança, meu lado criança.
A mulher, a amante, a amiga
E toda a emoção do universo,
Que em mim, outrora, por ti, foi construída!

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

Notas perfeitas

Falas de amor,
Soam doces a retinir.
Quando acordes
Crias em mim.

Notas perfeitas
No dedilhar
No toque certo.
Sem hesitar.

Um som que se esvai
Num grito incontido
No sopro que acorda
O pelo escondido
Num só arrepio
Deixando o bemol
Quase suspenso

E nesse compasso
De tons alternantes
As cordas vibrantes
Preenchem os espaços
Com som dissonante
Do prazer ascendente
Que se deixa entoar
No corpo ofegante
Suado, exausto
Sem cifras, sem ritmo
Sem nada, só rindo
E sem ar (bravo!!!)

Cris Miranda,
Brasil

Incêndio

De madrugada...
você me levou à lua...
Agora ao amanhecer,
cavalgamos juntos na chuva.
O que mais posso querer,
Se já tenho tudo que quero com você?!

Você é perfeita em tudo...
Mais ainda, quando está
Em minha cama.
Eu sou fogo...
E você, o único combustível
Que alimenta a minha chama!!!
Juntos incendiamos
Os lençóis e tudo o que estiver perto de nós.
Por você, atravesso
oceanos e desertos...
Tudo para a ter aqui bem perto.
Vem, meu amor ...
Vamos juntos incendiar ...
Até nossos corpos
Não terem mais o que queimar!

Adriana Pacheco,
Brasil

A música em nossos corpos

Sobre as notas de nós,
Do, Ré, Mi, Fá, solfejando soltamos a voz,
Nós na mesma escala,
Sobre a cama, e sem roupa

Nossas peles inspiradas em notas,
Nossos olhos buscando respostas,
Tocaste meu instrumento afinado,
Ousei e soprei a sua harmônica

Meus lábios em diapasão,
Suas cordas em escalas poéticas,
Subitamente em inspiração
Acordamos adormecidas melodias

Naquela seda onde lemos as pautas,
Suas notas agudas em lençóis,
Meus tons graves a rasgar sois

Na sincronização de amor,
Suamos ao compor a música,
Com tanto fervor

Que ecoavam entre as paredes,
Matando na alma aquela sede,
Inspirada de soberbas vontades

No ímpeto movimentos contínuos,
Expostos na chama de chegar ao ápice,
Sem pudor cantamos nossos medos,
A melodia vibravas em meus dedos,
Sensorial de almas extasiadas,
Para satisfação daquela alvorada,
Em subida de prazeres,
Canção das cores, por entre flores

Cantamos um no instrumento do outro,
Tal como seis tende-se para nove,
Chegamos ao clímax da melodia,
Com os olhos reluzindo a magia,
Pois, orgasmamos em nós
A música que deu voz aquele silêncio (...)

Daniel Miguelavez,
Luanda-Angola

Exílio

Recolha-se, amado meu
Na escuridade recôndita do seu eu
Mergulho intrínseco no âmago breu
Vital para o germinar da fresca semente
Que não mente quando silencia
Que dormita enquanto recria
Que morre e reinicia
Aguardo como campo à primavera
Como tela à aquarela
Das moções à branca-vela
Espero com calma com tempo em palma
O verão no seu coração
E a ressurreição da su'alma
Lhe espero amado meu
Em linhas tintas
tintas balsâmicas
Letras flamejantes e versos lenientes
Para calma da su'alma
Nesse exílio agonizante.

Cris Miranda,
Brasil

Viagem de amor

Fecho os olhos e em uma viagem
Nos teus braços perfumados estou
Sonho acordada e nesta miragem
Da cruel realidade, nada mais restou

Teu corpo, teu calor, teus beijos...
Beijos com sabor de mel, apaixonados,
Mãos ávidas saciando nossos desejos
Nossos corpos suavemente, sendo desvendados.

Entrego-me neste inebriante e supremo delírio
Deixo-me levar por teus caprichos, pois, contigo,
Vou a qualquer lugar, tu és o meu amor, o meu exílio

Assim, nesta febre louca, de paixão e frenesi,
Sou tua fêmea, tua mulher, lascivamente tua, apenas tua
Mas, frustrada abro os olhos e tu, não estás aqui...

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

Levitei...

Estou assim,
Solta, livre, leve...
Estou assim,
Como a alma que escreve,
entregue à brisa no ar
nas asas das borboletas
voando a lhe buscar...
Soltei-me em queda livre
para você me pegar,
Ah, como é bom poder sonhar!
Ir com meus pensamentos
Nos seus abraços encontrar,
a paz de meu corpo
e no seu me aninhar...
Hoje tudo fica fácil de rimar,
Em meu sorriso o vejo
Entrego-me no desejo
De sempre com você estar...
Estou solta a levitar
Nas notas da melodia
Uma canção vou criar;
Na magia da poesia,
vou ali borboletar...
Assim no colorido tão lindo
nos vãos intensos e infintos,
em mim vou amá-lo.
Acordei em seus lábios ;
Sonhei e achei-o,
Simplesmente encontrei um jeito de levitar...
Então, em meus sonhos, amei-lhe e levitei !!!

Marilú Mattos (Grão de areia)
Brasil

Hoje te encontrei

procurei sempre por um grande amor...
Por todos os lugares que pisei,
Por toda vastidão do céu, entre as nuvens e as estrelas,
o amor que sempre sonhei.

Mergulhei no fundo do oceano,
Adentrei nas florestas,
Aos animais perguntei,
Onde encontrar o amor que sempre desejei.

Procurei em outros locais,
nas feiras livres,
Nas calçadas,
Nas casas humildes,
Nos caminhos encantados, perguntei às fadas,
Onde andaria o amor que sempre sonhei.

Procurei no espaço, nas intensas leituras dos livros,
Nos vestígios de um personagem.
Fui procurar nas tardes de verão,
na escuridão sem nada, no silêncio do meu grito, por todo mundo,
pra ver se encontrava o amor que sempre sonhei,
...não o encontrei.
Desisti de te procurar,
...sentei,
...meditei
Foi aí que descobri que estavas dentro do meu coração,
Tão reocupada estava em te encontrar
Que nem prestei atenção quando tu entraste.

Laddy Butterfly Jussyllen ´ne ,
Bengo-Angola

Dunas

Num deserto escaldante
Me perdi
E à procura de um oásis
Enlouqueci.
Por quase todo aquele chão
Eu caminhei.
Até que então, com duas dunas
deparei.
Eu nunca em minha vida
Havia visto nada igual.
Eram tão lindas...
Simplesmente sensacional!
Por um instante Imaginei
Estar sonhando ...
E por causa da sede,
Até mesmo delirando!
Mas de repente
Percebi que era real
E que só no descrever,
Não estava sendo leal;
Pois, não fui eu que me perdi
Pelo deserto,
Mas os meus olhos
No teu corpo descoberto!

Adriana Pacheco,
Brasil

Chamo a ti de borboleta

Chamo a ti de Borboleta, meu amor,
Por ti o meu viver é mais florido, tem mais cor,
Por ti, em meu viver, hoje impera
Uma constante, uma permanente Primavera...
Mesmo que o mundo lá fora seja um deserto,
Meu coração é um jardim tendo a ti por perto,
Jardim com todas as cores, inclusive a branca e a preta,
Como as cores das asas das tuas ideias, minha amada Borboleta!

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo - Brasil.

Encantei-me...

Nosso primeiro olhar,
Nosso primeiro tocar...
Nada foi dito,
Mas foi tão bonito...
Senti teu coração ,
Apaixonei-me pelo teu sorriso,
Tu, por minha voz...
Ainda hoje és tudo que preciso,
Eu amo-te, por nós ...
Nossos momentos secretos, lindos,
Tocantes, diretos
Ainda lembram os primeiros suspenses
E desejos no box do nosso banheiro...
Sim, é paixão, é amor verdadeiro...
São palavras caladas,
São sentimentos tocados,
São votos de renovação...
Falamos de amor em sussurros na entrega da paixão...
Dizer amo-te é pouco;
Vamos gritar como loucos,
Até ficarmos roucos
no êxtase da doação !
Somos duas almas,
dois corpos,
formando um inteiro coração!!!

Marilú Mattos (Grão de reia),
Brasil

Entre as tuas coxas

Entre as tuas coxas, nesta cama,
Totalmente aceso e em pura chama,
Vou sentir odores,
Vou sorver sabores,
De um banquete vivo ser servido
Desde a hora em que, no teu ouvido,
Sussurrar palavras, cuja essência,
Sejam de deliciosa indecência,
De beijos te embriagar, ficar embriagado,
Descer por teu pescoço, ir por todo lado,
Cada ombro morder, mordiscar,
Fazer de cada seio o meu lar,
Falar de amigo para amigo
Com o teu umbigo,
Onde houver curva, visitar sem frescura,
Circunavegar a ti, toda tua fartura,
Nem as nádegas serão esquecidas:
Terão doses de beijos, palmadas, leves mordidas...
Depois de passear por tua geografia
Num misto de gentileza e ousadia,
Ai, sim, nas tuas coxas chegarei,
Onde serei tanto súdito, quanto rei,
Amarrado entre elas, sem precisar de nó,
Fundir meu ser ao teu, sermos um só...
Depois de cada suspiro e gemido,
Depois de explodir num animalesco bramido,
Sossega a fúria, a fome interior,
Entre as tuas coxas, mulher minha, meu amor!

Silvio Fergon, 02/abr/2019.
Santos, São Paulo - Brasil.

Em tua face

(Indriso)

Com suave beijo em tua face, digo adeus
E penso ver, que refletida aos olhos teus
O brilho d'uma premeditada saudade.

Eis qu'eu não creio na ilusão dos olhos meus
Buscando alguma fé no coração ateu
Querendo amor onde sequer há amizade.

Mas a suavidade tatuada no beijo,
Não nega minha esperança e o meu desejo...

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Mama, minhas maminhas

Silenciavas a minha boca
Com os seus mamilos
E das maminhas fazias o meu poço da felicidade
Nelas jorravam a minha embriaguez
Meu sono profundo
Minha ilucidez
Satisfação da minha latência
Embora duas mamãs
Eram minhas maminhas só pra me saciar.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

Diga-me para ficar

Diga-me, por favor
...que não consegues viver sem mim,
Convença-me a não ir embora
Peça-me para não sair agora

Diga-me para ficar,
Minta p´ra mim,
Diga-me que vem aí uma tempestade, um dilúvio
...melhor ficarmos aqui dentro.

Conte-me uma longa história,
Chata,
Sem graça,
Sem sentido,
Mas impeça-me de abrir a porta.

Diga-me para ficar,
Segure firme na minha mão,
Implora,
Chora,
Esconde as chaves,
Esconde as minhas roupas.

Diga-me para ficar,
Pega-me abruptamente,
Algeme-me,
Beije-me,
Suplique-me, por favor,
Só não me deixe partir,
Não me deixe ir embora,
Não sobreviverei sem você
(ainda sou estupidamente louca por você)

*Laddy Butterfly Jussyllen´ne ,
Bengo-Angola*

PATRIÓTICAS



"Saber o que é correcto e não o fazer, é falta de
coragem"

Confúcio

" Faço parte da Geração da Mudança, por não
querer falar do que o país fez por mim, vou falar
do que faço e farei pelo país e não só"

Mille Tavares

Pátria

A minha bandeira voa por liberdade
Os meus filhos lutam por mim
Assim se faz minha liberdade
Numa correria sem fim

Em minha negra cabeça jaz
As grandes espigas de café
Onde jaz a minha paz,
Jaz a minha fé

...sou Pedras de Pungo-Andongo

Depois da paz que se reveste nos algodoeiros
O vermelho como tacula se foi
Em mim pernoita o verde dos milheiros,
Milheiros do Huambo a Benguela

Meus pratos são efémeros
Do pirão ao cacusso meu povo se alimenta
Ai, minha muamba!

Sou pátria,
Meus filhos são rosas,
Meus filhos são grandeza
E minhas águas são realeza

Tenho candura
Egipto-Praia me ajude
Convide o Povo Muila
Que eu fale com o lunda
Assim, saberão mais de mim
Como as águas que correm nesta imensidão sem fim
E das terras hoje manchadas de alegria
De um povo que jaz humilde.

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Maquiavélicos

Eles comandam
E formam o sistema,
Com isso enganam
Fazendo esquema.

Essas gentes...
Acham-se inteligentes
Mas, sinceramente
Não são cientes.

Criam concursos
Simulam vários participantes
Premeiam na maioria os que têm discursos
Dissimuladores que maquilham suas intenções ultrajantes.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola

Eu sou de lá...

Das montanhas profundas...

Sim, eu sou daquele lugar onde o precipício engole o rio...

As rolas escorregam por um desfiladeiro sem fim e sobrevoam livres,

Do teu âmago ganhei esse viver sem amarras...

Esse retumbante divagar que me leva até ao infinito a todo instante,

Tu sussurras!

Mansinho...

Sim, sussurras a linguagem da alma...

Sim, eu sou de lá...

Da terra onde o vento troveja;

Acaricia o horizonte...

Desaparecendo no infinito,

Até dizem que lá as nuvens enamoram o vento,

Mas é o sol que ganha o seu amor, pois lá...

Tem entardecer vermelho profundo...

De mil amores...

De mil amores por ti!

Meu amado Alto Bimbe...

Eu sou de lá...

Carrego no peito uma infinita saudade,

A saudade do amor mais perfeito...

Quão grande falta me fazes...

Oh! Terra minha...

Como eu tenho saudades

do tempo da inocência,

Do tempo em que nos perdíamos pelos teus campos.

Tenho saudades até das rosas vermelhas aveludadas

Cativas no jardim...

São tantas saudades!

De te ver, nem que for só por um instante...

Eu sou de lá,

Onde o branco e o rosa cobrem os campos,

A espera das maçãs vermelhinhas

De sabor inesquecível...

Inesquecível como é meu amor por ti, minha amada terra,

Meu chão...

Meu Alto Bimbe...

Nádia Pinto,
Lubango-Angola

África

África minha herança
África que balança
Ó África que dança
Nas festas de matança,
Mesmo despida, cospida na rua do universo
Dispões de calor para os espertos
Razão pela qual te chamam de África sem frio,
Levanta-te ó África
Põem-te de pé, levanta a cabeça coberta de riqueza
Põem-te de pé e mostra a qualidade da sua beleza,
Ó África!
Como uma fruta apetitosa em meio jardim
És tu neste injusto universo
Negra como os versos
Que versam os poemas dos poetas do continente berço,
Dos Bantos aos Vatuas
És a predilecta estátua dos continentes
E seu povo uns verdadeiros tenentes
Que sobrevivem a nado nos mares e rios das dificuldades,
Ai África!
Estendes as suas mãos com humildade
E em troca decepcionam-te com facilidade e fidelidade,
Ó África meu brio
Em ti eu confio
Mesmo vivendo um grande desafio
Não desisto, pois, em ti não há frio.
África minha esperança.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

Chinchin

Nos foi pedido que nos levantássemos
Pois, era possível se juntos lutássemos

Levamos nossas catanas no 4 de Fevereiro
Sobre o juramento de que o povo estaria em primeiro
Acreditando na promessa de liberdade
E alimentamos sonhos de igualdade

A escravatura física acabou
E a mental começou

Levanta a taça e brinda
A guerra agora é entre irmãos
A tão esperada paz não chegou ainda
E a pomba branca está presa em nossas mãos

Há muito tempo que não somos ouvidos
Mas agora não podemos falar, estamos perdidos

E o povo contenta-se com essa ilusão
Estamos melhor que antes
Temos luz, dia sim, dia não
Como herança, estamos mais distantes
Falta água, mas temos quase sempre pão

Cada novo ciclo é mais forte
Se sobrevivemos, será pura sorte

Levanta a tua taça
E bebe o sangue também
Pois , te escondeste e não fizeste nada
És culpado também
Pelas almas perdidas na madrugada
Pelo sangue derramado na praça
.....CHINCHIN.....

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Por causa da Seca (Poema Dalangola)

Famílias deslocam, deixando sua povoação
Fervorosos vão buscando locais seguros
Fisicamente instalados sob alimentação,
Fogem a seca não acautelada pelos chefes
Fura-bolos da Administração Pública.

Caminham adultos, idosos e crianças,
Certamente, grandes distâncias à pata
Cibando-se de frutos e raízes da mata
Colocam suas vidas em risco na jornada
Cultivada pela apetência d'água e comida.

Muitos não conseguem chegar ao final,
Morrem pelo caminho e são enterrados
Militarmente como tropas em caravana
Melancolia torna acentuada com baixas,
Macilentos ficam os que poderem vencer.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola

Meu Lubango

Cidade encantada de sonhos sidéreos em fim
A saudade não tem lugar em ti
Cidade do pôr do sol do sol
Cidade do nascer das luas,
Cidade dos sabores e das tradições e de mágoas
Cidade dos segredos sussurrados e das promessas eternas
Lubango das cacimbadas
E das ruelas
Do murmúrio das águas da Fenda
E dos assobios dos ventos
Sabe melhor a encomenda
Atrai corações, esse aí
Tem belezas espalhadas por aqui e por aí:
Com braços que se abrem do Cristo-Rei,
Das montanhas da Chela que se estendem ao Namibe,
Tem da Tundavala as suas águas:
Ai, nosso Caribe!

Quero falar do verde das plantas e do milheiro
Lembrando o indigente guerrilheiro

Quero falar daquela muila
A muila que se faz à cultura
Que mesmo sem vestes se acha pura
...donzela que se diz
De um povo feliz

Lubango tem requintes:
Do macau à quiçângua,
O gosto do pirão,
Atraindo mouro como a flor o sabiá
Meu Lubango!

Laddy Butterfly Jussyllen 'ne & Mille Tavares,
Bengo, Lubango- Angola

Eleições

Chegará mais um tempo das canções
Onde vários actores sobem aos palcos
Com tudo, cantando "eleições, eleições"
Nos microfones das rádios e televisões,
Cujos ruídos abafarão as nossas audições,
Fingindo resolver problemas das populações
Que nessa altura se esquecem das profanações
Dos líderes das bandas, sobre os prometidos
Álbuns de felicidades, nas épocas anteriores
E, cederão de bandeja suas votações.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola



Desamor

“Eu já começara a adivinhar que ele me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem me quer fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra”

Clarice Lispector

Que amores vêm e vão...

Amores são como as estações do ano;
Vêm e vão;
Sem existir uma estação propícia
Não respondem a nada
A não ser a liberdade
De poder ser
Nem que for por um instante apenas!
Eles vêm e vão...

Paixão!
É loucura...
São um véu sobre a realidade
Tu e eu!
Cremos
Ocultados pela insanidade...
Tu e eu perdidos pela ilusão
Perdidos na luxúria
Acreditamos
Esquecemos que
Amores vêm e vão

Tu!
Que tão grande encantamento
transportavas...
Tu que incineravas o meu mundo com teu olhar
Oh sim! Tu eras a minha luz no breu,
Tu que eras meu
O meu existir
Hoje és cinza!
Incinerada pela putrefação da vida
Enfim!
O nós se transformou
Numa mera lembrança,
Que amores vêm e vão...

Nádia Pinto,
Lubango-Angola

Adeus

Longe de ti
deixei-te um adeus
repleto de Deus

Ver-me em teus braços deitados com ruas de prazeres, sobre peito
levou-me a pensar um poema ao silêncio da democracia

Sai, não te peço que me perdoes. Cada um, ama como pode
o pão para a boca não chega para levantar o manguito do amor

Essa dor
Enche-me por fora
o porquê dos para quê,
porque foi desfilar do seu corpo que me picou ao pecado
sem caldo para sopa leva este recado ao Anjo Gabriel

Talvez sim, talvez não!
Fui político em te amar
amar o tempo da vaidade
deixou-me sem classe

E nenhuma beldade
me vai aceitar como catingueiro do amor (...)

No salmo do 203
sinto o paraíso do teu inferno
na frequência da saudade
há uma rádio desânimo
que me tem animado
as violetas de misericórdia.

Poeta das Indumentárias
Bessa Cadeia
Huambo-Angola

Apenas recordar

Lá atrás, quando você me deixou...
meu mundo pareceu ruir,
minha vida pareceu acabada.
Muitos dias eu sofri...
Muitas noites eu passei acordada...

Quantas vezes eu saí e na ânsia de tentar o encontrar,
eu rodava pela cidade durante toda a madrugada.

Eu entrava de bar em bar, mas lá você não estava.
Eu tinha certeza, de que embora você não soubesse,
o fundo também me amava!
Mas... o tempo passou, de mim você se perdeu...
O meu coração se refez, outra pessoa apareceu.

Eu casei-me, você casou-se...
E o tempo...mais uma vez passou-se;
Até que num dia qualquer,
o destino se manifestou,
preparou-nos um reencontro,
onde aquele nosso antigo amor despertou.
Mas agora, o que fazer
com as nossas vidas aparentemente perfeitas
que não tem como apagar?!
Fingir que nada mudou?
Que o tempo não passou?
E simplesmente recomeçar?!
Pois, não se trata só de nossas vidas,
Agora temos outras pessoas envolvidas,
as quais não temos o direito de magoar.

Então,...o melhor, é deixarmos que este amor fique lá no passado...
Ali num cantinho guardado.
E de vez em quando passar para o visitar,
Permitindo-nos apenas recordar!

Adriana Pacheco,
Brasil

O silêncio dos amantes

O silêncio...profundo e desesperador
Infiltrou-se entre os amantes
A maltratá-los em imensa dor
Impossível negar a emoção de antes

Circunspecta e aniquilada esperança
Fez-se a distância, maldita, infinita
Enorme, disforme desesperança
Entretanto, cientes de que a paixão é finita

Sofrem calados, tristeza de ambos os lados
Receio instalado! Almas, apaixonadas que se chamam
Porém, o medo de sofrer os mantém afastados

Rogam a Deus e aos céus clamam
Que seus sonhos e emoções sejam conservados
Conquistando a felicidade dos que realmente amam.

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

Teu Olhar

Quando meus olhos
Encontram os teus
Nada vejo
Não sinto
Não desejo
Não me prendo.
Só encontro desencanto
Desalento,
Sem lágrimas
Sem brilho
Sem beijo,
Sem te desejar
Me perco
Me findo...sem recomeço.
Não me vejo
Nos teus olhos,
Olhar frio em desafio
Do que procuras nos meus.
Olhar sem o brilho quente
Daquele amor eloquente
Que me aquecia do frio
Das paixões enlouquecentes
De tantos invernos frios.
Olhar distante
Distraído
Desmedido,
De quem esqueceu na estante
Um bilhete humedecido
Pelas lágrimas do Adeus

LN Rocha,
Aracaju, Sergipe _ Brasil

Adeus

Nós dois éramos um
 Um só
 Duas Vidas numa só cantiga
 Na lágrima, no sorriso
 No silêncio, na viola
 No pôr do sol e na aurora
 Só um como se fossem dois
 Éramos nós e mais nada
 Nas praças
 Nas estradas
 Nas calçadas
 No antes , no durante e no
 depois
 Como se fosse um éramos dois
 Em um só
 Em um só beijo
 Em um só cheiro
 Dentro de um abraço
 Num só espaço
 De todos os jeitos
 éramos de um jeito
 De um jeito só
 Como flor no jardim
 Éramos assim
 Uma rosa, uma dália, uma
 jasmim
 Um só talo, uma só raiz
 uma flor de lis
 Atraídos pelo odor
 De um só amor
 como um beija-flor
 Sempre juntos, enlaçados
 como se fôssemos um

Um só
 bem apertado como se fosse
 um nó .
 E num capricho do destino
 em um ato de desatino
 Como um choro de menino
 O nó se desatou
 A cantiga se calou
 E o sol adormeceu,
 acabrunhado
 E o que era um se tornou dois
 Dois desenlaçados
 Seguindo em um só passo
 Rabiscando o seu traçado
 Agora sem nem um laço
 Cada um com seu compasso
 Deixando seu próprio rastro.
 E num golpe do acaso
 Os caminhos foram cruzados
 Outra vez entrelaçados
 Dentro de uma só taça
 Despidos e descalços
 Embebidos por um vinho
 Entre poemas e carinhos
 Entre o sábio e o insano
 Entre o santo e o profano
 Livres como ciganos
 Agora nos despedindo
 Do dia em que fomos um
 E que agora
 Dois se tornou
 como se fossem
 Mais nenhum
 Em um só adeus.

Cris Miranda,
 Brasil

Fim de noite

Tristes noites, noites frias e vazias...
Somente eu e o luar.
Sigo calada pelas estradas
E embriago-me com o perfume que exala das flores,

Ao serem regadas
pelo orvalho da madrugada.
Feito zumbi, rondo pela cidade adormecida;

E numa busca infinita
tento te encontrar.
Mas com a chegada da aurora,
vejo que eu a tive em outrora, e que hoje,

O que existe são apenas as doces
lembranças da nossa história,
Porque você, eu já perdi.

Adriana Pacheco,
Brasil

Naquele dia 14 (Poema Dalangola)

Tu não apareceste, infelizmente,
Toalha joguei ao tapete da mente
Tirei aquela linda gravata vermelha,
Teatralmente fui manchando o semblante,
Tamanha desilusão levou-me a uma velha...

Parece mentira, mas é verdade,
Peixe qualquer, a navalha corta
Pigmentando a branco a horta,
Pondo certo a disposição da pua
Publicamente útil para desbravar.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola

Adormeço

E no meio de tanto fingimento
Fecho os olhos para ver tanto sofrimento
Sei que no fundo não sou amada
Entre lágrimas deito na almofada
Enquanto...

A Dor Meço

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Dia Tenebroso

Hoje o dia começou triste
Sem luz nem luar
Nem o teu toque pude sentir, parecia tão singular
O que aconteceu na noite passada, meu príncipe forte?

Não sentia forças nos olhos
De tanto chorar não se abria o sol
Foi uma manhã tenebrosa como a sequência de dias antigos e velhos
Senti um vazio comparado ao grito do sopro no caracol.

Hoje o dia amanheceu
Com lágrimas e vontade de vingança
Hoje tudo está escuro e o que estava; vivo amorteceu
Pois, até agora está turbulência tensa
Não entendo o que ocorreu na noite passada
Não me venhas com repetições, porque estou cansada.

África Gomes,
Luanda - Angola

Morena da esquina

E lá vem ela!
Com seu jeito que atíça desejo
Que morena!
Sempre coleccionando corações quebrados

Ela é perigosa
Minha morena perigosa
Que condenação maior?
Amar ela
Tão bela e esbelta
Ela sabe que me tem
Faz de mim seu refém
Ah! Se ao menos me usasse com amor!

Lúcia Gerlú,
Luanda-Angola

Desvanecer (...)

...Efémero como pôr do sol,
Por que será que ainda o sinto,
À surdina o teu silêncio

Mil vezes mais do que a falta que fazes,
Quanto tempo mais hei-de esperar...
Não responda, por favor, deixa-me murmurar,
Encontra-me naquele lugar,

Decorado pelas folhas do Outono,
Cansada da eterna espera,
Ansiando sempre a primavera,
Inebriada por sonho e pelo sono,

Antes que tenha de desistir do pôr do sol,
Perpetuo diante da luz do farol,
Embora sejam miragens,
Ilusões de sonhos, distantes das margens,

Talvez nunca mais sinta o ar,
Entre as estepes da saudade,
Talvez não o sinta chegar,

Para calar à vontade,
Na estação do rejuvenescer,
Antes do seu legado desvanecer,

Daniel Miguelavez,
Luanda - Angola

A dor de te amar (Soneto)

Amalgamado à alma, em traços de nanquim
Há tanto de ti nos versos que eu componho,
Nas loucas fantasias, em meio aos meus sonhos,
Forjado a ferro e fogo no todo de mim.

É tudo tão estranho, novo e medonho,
Sequer me imaginei um dia algo assim
Querer-te, e não querer, dúvida sem fim.
Arranca-me os sorrisos, ora tão tristonho.

Eu bem falei-te aos montes, não procuro nada.
Sigo meu caminho compondo minha estrada.
Mas insististes tanto a despertar-me, amor.

Que agora ele pulsa ao peito em chaga aberta,
Lirismo cativando a alma descoberta
Em versos que misturam poesia e dor.

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo - Brasil

Quanta Saudade

Foi teu o olhar primeiro!
Mostrou-se exímio, discreto, ligeiro!
Doce e alegre... parecias levemente enamorado
Conquistou-me com ciúme felino
Puro, como de menino...
Fiquei uma adolescente beijada na porta de casa...
Sonhando, feliz e sem jeito
Tamanha imaginação alegrou-me o peito!

Num ímpeto, te lançaste rumo às praias tropicais
Guardaste até os instrumentos musicais!
Atravessaste um continente, em silencio e renitente...
Foi à mesa, a agradável surpresa!
Sonho meu a realizar
Jantar com boa conversa, vinho excelente
Gentileza exemplar!
Fizeste um discurso bonito
Até acreditei no dito...

Enlevada emoção! Mas foi em vão...
Inseguro confesso, pelo medo foste assaltado
Travaste guerras terríveis com assombrações do passado
Como a criança dominada pelo terror da correção
Partiste sem te despedir. Feriste meu coração!

Mais um momento ao teu lado era tudo que eu pedia!
Que sacrifício foi afastar-me após beijar-te tão brevemente...
Enquanto contemplavas dunas, lagoas e rios
Eu chorava amargamente...
Bem maior que o oceano que vias
Era nos meus olhos a maresia...

Quebrou-se o pote de afetos
Feriu-se o nosso jardim
Romperam-se os Elos que nos ligavam em flor
Caíram, despetaladas
As fontes das nossas cartas de carinho foram seladas
Bebemos e derramamos as águas da cumplicidade
Quanta saudade!

Élle Marques,
E.A. Reservados – Brasil

Desamor

Eu amo-te e tu amas outro alguém.
Pois, a vida tem dessas coisas.
Enquanto eu te desejo,
Tu estás nos braços de outro alguém

Enquanto eu sonho contigo
Perde noites de sonho
Conversando com outro alguém

Enquanto te namoro sem saberes,
Sinto-te nas minhas fantasias,
Admiro-te em meus pensamentos
...preocupas-te com outro alguém.

Laddy Butterfly Jussyllen 'ne ,
Bengo-Angola

Pétalas de poesia

As rosas desabrocham em buquês.
Pétalas perfumadas de poesia.
Saudades trazem-nos de um dia.
Que o amor era somente nosso porquê.
A maciez das rosas bem abertas.
O colorido forte refugia.
A prosa derramava nostalgia.
Nossa felicidade era certa.
E novamente chega a primavera.
O sol tão radiante alumia.
Todas as almas riem, extasia.
A Natureza plena, tão sincera.
Qual chuva derramamos os poemas.
Deixando a estação em alegria.
O versejar pulsante em harmonia.
A Diva Primavera é o tema.

Regina Madeira,
Rio de Janeiro-Brasil.

Meu veleiro

Para onde vais com tanta pressa
Vestido de linho e seda, dos pés à cabeça?

Intentas nesta hora, partir
Que com simpatia no olhar,
E o um peito a rasgar,
Te tento acolher?

Sinto tua saudação triste e acabrunhada,
Sinto-a instilando veneno
Veneno nesse coração alegre, embora pequeno

Meu veleiro, não quiseras tu exalar
Calor de meu coração afetuoso no simples?

Não vá sem mim, veleiro
Perfeito, nascido no quentar de janeiro
Quero contigo nas águas do mar navegar
E ao teu lado, seus monstros profligar

Se percorrer e não encontrar
Se viver somente por ela
Se no céu não vir uma estrela
Se a vida não me abraçar,
Quero nossas lembranças viver
Quero no peito o amor reviver
Como a faca de um gume
Que no peito perpassa
E desarraiga de mim o ciúme.
Que viva apenas as emoções
Que me olvide as hecatombes nocturnas
Que me lembre das dicas diurnas
Que dilacere a ânsia
Que a presunção me afague
E a dor se apague.

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Minha Represa

Tua aparente frieza é dor mal escondida
É ferida aberta na estrada do tempo, na lida da vida...
Semelhante à embarcação levada pelo vento
Disfarças a intenção na contenção do sentimento
Turvam-se as águas dos meus olhos, que tormento!

Humilhar-me, foi impulso ou intento?
Querias-me bem!
Que desprezo incerto!
No desejado abraço, quanta certeza minha!
Virado o leme, freada a correnteza
Sinto a agonia da gaivota, devota, presa no ninho
Presa caçada na estrada do meu caminho

Encharco de mim as tuas "paredes", te cerco
Faço-te Ilha, quero-te perto!
Tua força é extraordinária, Homem Binário!
Ainda que castres os afluentes do imaginário...
Barraste um amor nascente, como corrente d'água
Avolumou-se o fluxo de uma vertente mágoa
Romper-te, jamais foi a pretensão
Atravessar a engrenagem, essa é a intenção!

Sou leito que se alarga, partindo geleiras
Acabaste por emprenhar-me de fartas cachoeiras
Estou gerando luz nas veias!
Anelo manancial, meu destino é jamais conformar-me
Sigo a propulsão dos teus motores
Reviro gestos, libero perdão, desfaço temores
Sou turbilhão, sou Ser crescente
Mãe de nações, alimentando gente!

Élle Marques,
E.A. Reservados -Brasil

Ciclo encerrado...

Fui embora...
Com a alma ferida,
a cabeça erguida
e a mala na mão...
Fui embora
carregando na mala as lembranças
e a saudade no coração...
Deixei-te sózinho, sentindo o peso da separação...
No teu caminho vivendo
a dor da tua traição...
Custei a decidir-me,
Ainda não era tarde,
Havia vida e renovação...
Pensando assim, fui embora em busca de salvação...
Fui embora trancando os gemidos sufocados no coração,
levei um fingido sorriso estampado na futura solidão...
Deixei-te entregue à tua razão;
no ninho vazio de asas quebradas,
como passarinho,
com olhar de indignação...
Cansei de tanta desilusão ...
Deixei-te livre para seguir em outra direção...
Fui embora,
ficaste debatendo -te no chão!
Foi grande a surpresa , minha decisão ...
Fui embora,
não aceitei mais tanta humilhação;
acabara o amor,
sobrava decepção .
Fui embora com lágrimas escorrendo,
às escondidas ,molhando o caminho do meu coração...
Foi a única saída,
mudei minha vida,
Curei as feridas,
Dei-te meu perdão...
hoje vives arrependido,
na tua triste solidão!!!

Marilú Mattos (grão de areia)
Brasil

Somente Tua

Dispo as meias-calças, pretas e rendadas,
Acariciando lentamente as minhas pernas bem torneadas,
Bronzeadas pelo sol dos teus sabores
Amorenadas de momentos inesquecíveis, alguns devastadores...
Tão desejadas por admiradores, mas somente tuas!

Sem tranças de Rapunzel, choro na torre do castelo de papel,
Onde o tinteiro, que bem poderia ser lilás, é cruel!
Tem a cor negra das minhas lágrimas de lealdade.
A tristeza derrama-se, imantada por imensa saudade...
Foi pura vaidade a tua partida!

Torturada pela beleza fiel das minhas ilusões,
Refaço a iluminada linha do tempo com partículas de vulcões.
Cravo as unhas em minha carne, preconizando sensações invulgares,
Prefacio o êxtase que terei ao chegares...
Louca nossa paixão, incandescente nos pequenos gestos!

Grande dor é essa ausência do nosso amor.
Infinitas carícias puras, em bela flor!
Inda sinto em meu corpo o sabor do teu beijo gostoso,
Jogo-me em nosso leito macio e cheiroso.
Intimidade de almas. Quantas delícias! Somente tua, eu sou!

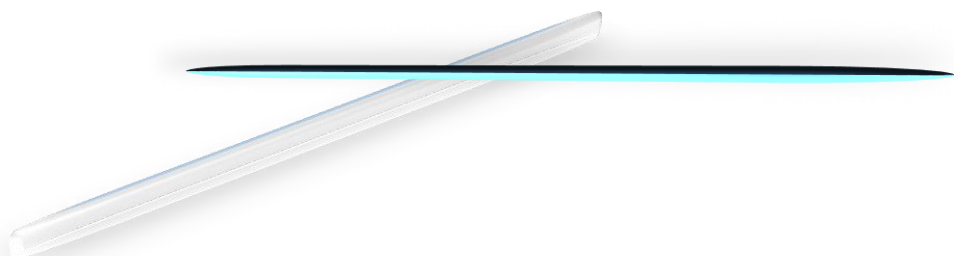
Élle Marques,
E.A. Reservados -Brasil

Pensamentos



"Não basta se dirigir ao rio com a intenção de pescar peixes; é preciso levar também a rede"

Provérbio Chinês



Já não importa

Ei! já não empolga mais...
O tempo deixou assim as coisas,
Sem tempero
Com odor pérfido, anasalado e incolor

Aí você vem cutucar
Sabe o quê?
Já não importa...
O coração virou rocha,
Sabe? Eu não quero saber...

Pode cutucar...
Em onça com certeza não me transformarei;
Cutuca!
Sabe? O vento que me açoita
Poderá se transformar em tempestade para você!
Cutuca!...

Fundo com espada de dois gumes;
Não matará nada em mim...
Pois, já não vive em mim a ânsia
por alguma réstia de vida...

Nádia Pinto,
Lubango-Angola

É hora de despertar

Tempos estranhos...
Tempos sombrios!
Olho da minha janela
E o que vejo é o mundo lá fora
mais vazio!
Os dias arrastam-se...
Tudo está tão frio!
O sol, as estrelas e a lua
Já não tem o mesmo brilho.
Estamos trancados, sozinhos, isolados...
Cada um no seu canto...
Sentindo falta dos sorrisos, dos olhares e dos abraços apertados.
O medo do invisível,
Desse "anjo da morte" cruel e implacável
Que veio sacudir o mundo e deixar-nos apavorados;
Talvez nos sirva de alerta.
É hora de despertar!
Enxergar o que está errado!
Está na hora de dar valor ao que realmente importa...
Família e amigos...
Abraços e sorrisos...
Vento no rosto e sol da manhã ...
Banho de chuva e mergulho no mar...
Trocadas de gentilezas e ver uma flor desabrochar!
Olho no olho, beijo na boca, cantar, dançar e Amar...
Depois respirar fundo e por um instante silenciar...
Fechar os olhos e com toda nossa verdade, humildade e gratidão...
Simplesmente orar!!!

Adriana Pacheco,
Brasil

De que vale sentir

Não importa onde estiveres, sinta!
Sinta dor
Sinta cheiro
Sinta amor
Ainda que for na prisão, sinta!

Se sentires dor, grite!
Se sentires calor, ventile!
Se sentires cheiro, que o nariz pronuncie
Se for amor, demonstre para quem sente

Não finja estar melhor enquanto estiveres pior
Não finja sulcar mares enquanto estiveres no deserto
Não finja sulcar mares enquanto fores analfabeto
Não finja santidade enquanto fores ímpio

Não fales com quem não queiras
Olhe! Não finja cegueira
Não namores com quem nada sentes
Se sentires paixão por alguém, manifeste
Se nada sentes, certifique
O certificado do sentimento é a verdade
1 não é antípoda de 2

poeta Arcanjo
Caluquembe-Angola

A vida...

A vida é um efémero entardecer, poderá ser ensolarado ou nublado.
Ela é como a faca de dois gumes, os dois precisam cortar e ferir com a mesma proporção.

Na sua paleta, constam as cores vibrantes.

Aquelas esfuziantes.

Psicadélicas para cada fugaz instante.

As vibrantes!

Aquelas que se entornam e se enamoram,

As que resplandecem num ofuscante arco-íris.

Também tem as tintas que entornam no precipício, no breu.

Aquelas que despertam com os sons atordoantes da noite,

Aquelas que salpicam a tristeza.

As que incentivam a lonjura,

As sem fundura,

As que torturam o coração,

As que têm marca perpétua na memória.

Nádia Pinto,

Lubango-Angola

Impulso

Não quero a estrela cristalina com cristais e ecos
Imersa em nobreza transparecendo o nada
Historias insensatas, divagando ao meio
Recortadas em brancas nuvens ilusórias
Reconheço o erro, o impulso corrompido
Desfaçatez irônica em maculada carne
Cerne apodrecida de loucura cômica
Farrapos transeuntes dos que nada querem
Estranha acidez que corrói os dias
Subtraindo a luz fugaz e arregalando olhos
Adormecidos dos valores esquecidos
Escuridão eminente em trajetória inconsciente.

Siomara Reis Teixeira,
Brasil

Amar para viver um dia mais

Cada cicatriz
um beijo

Cada beijo
uma história

Cada história
uma personagem

Cada personagem
um lugar,
um segredo

Medo?
Talvez perdoar
seja mesmo amar

África Gomes,
Luanda - Angola

Mensagens de puro amor...

Não sei porquê me criticam
por falar em poesia,
por escrever meus poemas,
no caos da pandemia...
Estou tentando levar e buscar,
um pouco de alegria entre o triste de agora,
procuro harmonia...
Os poemas de outrora
já eram minha companhia...
Talvez o senhor ou a senhora pensem que é romantismo,
Que bom se fosse só por isso;
Não posso perder meus sonhos,
são deles de que preciso...fortaleço minha alma
nos versos de improviso, é como o romper da aurora;
isso já é mais que vício...
Aceito-me como um grão de areia para não perder o juízo ,
liberto minhas simples letras
nelas não há egoísmo ,
procuro mandar boas mensagens
nisto não há prejuízo...
Minha esperança renova-se,
todo dia é uma prova que com fé eu exercito;
Não nasci sendo poetisa,
Mas a rima completa-me
Nela sinto-me liberta,
Sinto-me no paraíso...
Por enquanto escrever é minha vacina indireta,
e tudo que necessito...
O mundo desordenado precisa ser vacinado,
com alta dose de amor,
respeitar pra ser respeitado;
amar e ser amado,
esse sempre foi meu poema sonhador.
Portanto, se for romantismo,
quero perder o juízo sonhando e escrevendo,
muitos versos anti rancor...
O tempo que aqui eu viver,
vou continuar a escrever mensagens de puro amor!!!

Marilú Mattos (grão de areia)Brasil

Tenciono viajar

Quando o verde amarelece,
Quando no seu declínio o sol vermelhece,
Quando o horizonte se torna sangrento,
Quando a vida se torna insípida,
Morro por falta de esperança
Pois que é dela que eu patento

Quando os homens se tornam desencorajados,
Quando a fé escorrega na casca da banana,
Quando a intensidade da dor torna as mentes insanas,
É nas particularidades humanas que eu percorro buscando o real
sentido da vida.

O sorriso faz o mundo,
O abraço faz o mundo,
A liberdade faz o mundo,
O afecto faz o mundo,
O amor faz tudo e tudo, todos.

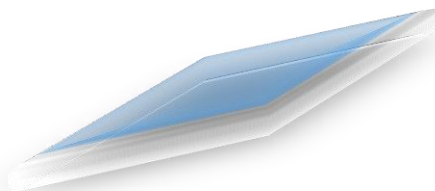
.
Toda a enxaqueca faz o cheio,
Toda ausência faz o vazio,
Liberdade, liberdade!
Esta é a voz do mundo que emudece
Na presença de quem não a concede

poeta Arcanjo,
Caluquembe-Angola

Vida

"Estamos todos num mesmo barco, em mar tempestuoso
e devemos uns aos outros uma terrível lealdade"

G. K. Chesterton



Marmitas vazias

Procuro encher a Pança
Com resíduos empanelados
O olfato alimenta-se do bom cheiro
O tacto alimenta-se da boa rugosidade
O paladar alimenta-se do bom sabor
A mente alimenta-se do saber
Mas meu estômago pede o que custa o homem

Volto na razão do existir
Volto na razão do ser
Volto na razão do estar
Toda realidade vem do saber pelo sentido

Sem alguém eu sou ninguém
Sem enchimento eu sou vazio
Sem carne eu sou osso
Sem osso eu sou carne
Sem tudo, nada!
Com todos eu me completo

Procuro o saber
Por isso, esvoaço no vazio
Pelas sensações das quais me guio
Pois sem eles, me torno numa marmita vazia

poeta Arcanjo,
Caluquembe-Angola

Viagem

Viagem omissa, sem destino
Um rosa que perdeu sua primavera
Um teor romântico, menino
Uma vontade abstrata, quem dera

Seja lá como ou onde
Estiver esse meu lerdo vou
Deixarei mergulhar desorientado
Os tudo dos nada que ora sou...

O que é amor em minh'alma?
Quem foi ditador em meu peito
Que poderia mostrar-me calma
Se nem amar eu sei direito

Viagem opaca nessas minhas vidraças
Sol escondido de tantos verões
Aquele rosa perdida de sua quimera
Transformou meu jardim em sertões

Não haverá de ser despedida
O tanto pouco que ainda espero
Nem haverá de ter medida
O amor da mulher que tanto quero...

Antônio Teixeira (JPB),
Brasil

Mergulhados no mesmo amor

Mergulhei no mar poético
A poesia mergulhou no meu ser
Fundidos em apenas uma cor
Molhados pelo mesmo amor

Com a poesia enlacei
Sem noite nupcial
Nem sacerdote, nem altar
Ah! Que expiação

Banhei com o meu suor
Nas lágrimas da minha cor
No ver partir minha bela mor

Oh! Venha poesia
Entre com mestria
Prepare minha estreia

Kandimblé,
Lubango-Angola

Rouxinol de nós

Nosso palco... menos uma Estrela Cantante.
Menos luz, brilho... tristeza mais.
A que partiu hoje, a Cantante
E dor nos deixou,
Com certeza, em dor não nos quer.
Como não doer se uma estrela parte
A estrelar outro lugar?
Mesmo este lugar, FIRMAMENTO visível de nossas ricas lembranças.
A estrela segue seguindo já novos rumos,
A cantar eternamente.
Nossa Cantante Maior é CLEUMA RANGEL COSTA
Que nos deixa fios belíssimos de sua VOZ.
O ROUXINOL de nós que continuará sendo.

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo- Brasil

Lágrimas

Olhos emaranhados
Embaçados
Encharcados
Por lágrimas frias.

Elas escorrem pela face
Insistentes e teimosas
Revelando a tristeza
Que atormenta a alma minha.

Cheias de dor
De saudades,
Sufocadas pelo tempo,
Escondidas,
Agora sem nenhum pudor,
Elas teimam,
Em cair dos meus olhos já sem brilho.

Lágrimas,
Que chorei na despedida,
Que segurei na partida
E ocultei no instante,
Que olhastes em meus olhos
E em silêncio partiu.

Lágrimas que chorei sozinha,
Emaranhada em lençóis
Que seu perfume continha.

Minhas lágrimas,
Insistentes...persistentes
Sobre meu rosto escorriam,
Lavando a minha alma,
Aliviando a tristeza
Que o meu coração sentia

LN Rocha,
Aracaju, Sergipe-Brasil

Humbi humbi

Humbi humbi yange ye la tuende
 kakele katchimbamba osala posi
 Meu povo no lato céu
 Do verdor estremeceu
 Nas noites fricalmas se move
 De um estrondo que no peito corrói
 Faces inocentes com sorrisos esmagados,
 Esmagados pelos ventos
 Nem alegres deveras,
 Mas são almas sinceras

Humbi humbi yange ye la tuende
 kakele katchimbamba osala posi
 Sem injúrias, nem vaidade
 Quando fala com sinceridade
 Também sabe com que se sinceridade fala
 Tem voz de vento
 Fino, mas nevrálgico

Humbi humbi yange ye la tuende
 kakele katchimbamba osala posi
 Canta Hosana Santa meu povo
 Suas rezas ao longe se ouvem
 A cura da alma e nos nervos se intuem
 Com as águas que correm da Muxima
 A água benta se forma

Humbi humbi yange ye la tuende
 kakele katchimbamba osala posi
 Trabalha para o óbolo final
 Que para ele é sempre liral
 Com vidas baloiçadas,
 Palavras trocadas
 Que ficam na cartinha da saudade
 Da orla morena dessa praia enleada.

Homenagem ao grande Valdemar Bastos

Mille Tavares,
 Lubango-Angola

Livro da vida

No livro da vida
Os anos são páginas
Os meses são parágrafos
As semanas são períodos
Os dias são orações
As horas são palavras
Os minutos são letras
E, os segundos são espaços.

Participo no livro da vida desde a página Oitenta e Três,
Graças a Deus, tenho registado boas poesias
Nos parágrafos e períodos, com orações
Tento cumprir com a Palavra do Senhor,
À letra, para garantir novas páginas.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola

Desabafo de um E.T

E se o preço a pagar
Fosse viver para sempre no paraíso
Eu não continuaria prisioneira?

Não ser ouvida por mais que gritar
Escondendo minhas lágrimas num falso sorriso
Com medo de sair do personagem, fazer uma asneira

Percebo o que dizes, eu tive treino milenar
E em varias situações ainda me sinto indeciso
Pois, humanos são confusos, especiais à sua maneira

Tentado por oxigénio genuíno acabei por aceitar
Seres emotivos, era a observação em cada aviso
Mas eu achava que era exagero, pura brincadeira

Eu tentada por este planeta dominar
Aceitei, mas hoje não o quero, não preciso
Mais um século aqui e sinto que me perderei por inteira

É incrível como são destrutivos, como não sabem amar
Nem parece que estamos na terra, sinto que descí um piso
Sofro de tripla personalidade, já nem sei mais qual é a verdadeira

Fomos tolos demais

Não deveríamos ter aceitado a missão "vida" na terra...

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Hoje, mãe

Hoje, mãe
Letras no papel parar eternizar
Essa bonita forma de amar
Para ti, poetizar

Hoje, mãe
Vejo o certo nas linhas tortas
Faz sentido a receita da torta
E os conselhos daquela kota

Hoje, mãe
Melhor avó do mundo
Sentimento profundo
Multiplicado a cada segundo

Hoje, mãe
Ai, hoje mãe!
Mãe, hoje

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Demência Intelectual

Demência Intelectual

Ó demência!

No manar de uma proeminência

Perdem-se em lonjura

Os magnos da ciência

Em meias catástrofes de falência;

Ó demência!

Que raramente acontece com os intelectuais

Que abundam os países do primeiro mundo,

Mundo que vem mostrando a fragilidade intelectual;

Demência Intelectual

Em meia pandemia, somos títulos de exemplo de manada

Que vive comendo ervas para sobreviver

Triste, triste, triste...

Ai como é triste e lamentável ver os países do terceiro mundo que nem ervas têm para comer!

Por culpa de não sei quem é

Morre-se de fome, Morre-se de pandemia

E os que dizem pensar por nós,

Vivem diambulando pensando pornos.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

Por que choras?

A vida continua a ser um mistério
O choro, martírio
As paixões, miragem, eu sei
Ainda assim, por que choras?

De braços abertos o sol do além te espera
Acaricia a vida,
O tempo sem tempo é fera

Colher o amor jamais foi fácil,
Se o fosse, jamais seria amor
O amor não é apenas flor
O amor é também espinhos

Liberta-te dos liames da carne e anda,
Anda e enxuga as lágrimas
Sacode o pó e a lama

Cura as feridas,
Retira tuas folhas caídas
Faz brilhar tua luz
Fá-la brilhar com brandura...não meça teu suor
Seja fecunda, carrega tua cruz

Ainda que o sol se vá por detrás dos montes
E teus olhos não mais contemplem horizontes,
Tu és para mim, canto novo
Meu violão, ecoando o som da minha alegria

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Névoa

Seus olhos mortos,
A emoção não vigora na alma,
Seus pensares, absortos,
Dominado pelo o clima,

Tal desejo sombrio do existir,
Seus retratos não expressam o inócuo de si,
Passado, presente, o conjugar do verbo ir,
Incrível percepção da negação,
Pasma resultado da equação sem pi,
Maldita entoação...

Nevoeiro na mente, seus medos,
Dias cruéis, tempo de desesperos,
Talvez buscasse o desconhecido,
Um vazio para o ter preenchido,
Mas, apenas encontrou a solidão dos seus olhos,
Perdeu-se entre as retinas,
No labirinto das Iris,
Vagueando na tal ilusão sem esquinas,
Nas encruzilhadas sem diretrizes (...)

Daniel Miguelavez,
Luanda - Angola

Eco Carmesim

A vida às vezes machuca quem ama
 Quem nela navega com propriedade...
 Lamento. É verdade!
 Mas, é de alguém essa culpa?
 O intento do amor é ser ilha, porto, casulo
 Por excelência, é sofrer...
 De tão intenso, ser vulcão pra das cinzas renascer!

Buscar um lar para guardar a "bagagem"
 É para muitos um abandono, um descuido frágil
 Que bobagem! É próprio do bem viver...
 Muitos deixam com o destino a guarda do melhor conteúdo
 Apegando-se à embalagem da aparência
 Como "o canudo", "o vestido de veludo"
 "O champanhe" da boa ocasião...

O que aprendi com a vida sobre o amor é certo!
 É como castigo na travessia do deserto
 Como instigante dor, em pleno mar aberto...
 Faz que, à distância, aviste-se a terra árida como linda flor
 Como raridade guardada
 Em ambiente transcendente do Homem interior...

É voz que me chama a ser o melhor de mim
 Eco carmesim das águas que bramam e encorajam-me
 A passar pelas encostas das furnas, pelos charcos das caldeiras
 A crer no mistério do tempo
 Na luz que restitui a esperança e refaz o alento!

Sugere-se que para superar as dores
 Afoguem-se os rancores nas águas dos Açores
 No tom mais bonito das vermelhas sentinelas...
 Lancem larvas em boa medida
 E deem-nas aos peixes como comida
 É pescaria de quem vence a derrocada

Logo o desejo espia pelos muros da cidade...
 A porta se abre com ímpeto e respeito
 Ganha-se a admiração do amor eleito!
 Os "olhos nos olhos" se encontram
 Sensações a bailar
 Passos de mãos dadas à beira mar
 Um beijo ardente acalma a paisagem Do coração em ventania!
 Convite a ficar...
 Perfeita companhia! Graciosa terra, novo lar...

Élle Marques, E.A. Reservados - Brasil

Mundo

Há tanto bem pra ser feito, Senhor!
Que fico alarmada e inquieta contemplando o mundo em que vivo
Há tanta gente que sofre
e tão poucas palavras de consolo
Tanta gente em desespero
e tão poucos oferecendo esperança

Há tanta gente infeliz
e tão poucos partilhando alegria!
Tanta gente odiando
e tão poucos, difundido amor

Há tanta gente em solidão
e tão poucos corações acolhedores
Tanta gente no erro
e poucos ensinando a verdade
Gente sem Deus
e tão poucos profetas verdadeiros

Estamos com o coração poluído
Agitados
Partidos

Estejamos prontos para dar a mão a quem precisa
Abrir o coração
Confortar na tristeza
Esboçar um sorriso
Transmite carinho
Compreender em silêncio
E amar em atitudes

Lúcia Gerlú,
Luanda-Angola

O quadro...

Naquela tela pintada vi-me seguir pela estrada,...
Enchi-me de coragem em coloridas cores,
O tempo na paisagem acalmava meus temores...
Precisava ir e livrar-me dessas dores;
A caminhada era grande
Parecia não ter fim,
Mas tudo me encantava
Foi pintado pra mim...
No fim da linda estrada
esperava-me um arc- íris ou um anjo querubim...
E quanto mais eu olhava,
Mais algo me buscava;
Hipnotizada estava,
Talvez fosse meu fim...
Nada me importava e muito menos me assustava,
eu só queria seguir...
Sair desse triste mundo
Não ser mais um moribundo,
Isoladamente a sumir...
Ir em linha reta,
Cantar com uma voz discreta
Andar tipo atleta
Aproveitar a caminhada, apenas me divertir...
Essa atrativa tela
No quadro dessa parede
Mas parece-me uma rede,
Que veio para me enfeitiçar...
Quanto mais olho a tela
Mais eu quero enquadrar-me,
Vou banhar-me em aquarela
vou deixar-me misturar...
Quem sabe em minha loucura posso, enfim,
na noite escura,
ir pra sempre e não voltar...
O mundo que era brilhante,
de repente escureceu,
tudo agora é inconstante
A certeza escureceu,
Vou continuar a olhar nesse quadro, vou sonhar e no meu divagar,
deixar-me aquarelar!!!

Marilú Mattos (grão de areia)
Brasil

Corpos que renunciaram a vida

Chuvas fracas
Ventos parvos
Sentimentos tímidos
Ah! Sei lá, tudo é ruim...

Zero desabafos
Saturação negada
Ódio olvidado
Ab-rogação deturpada
Insolência dilacerada
Epah! Deixem-me em paz, ó vidas escarnecedoras

Choros enterrados
Fanchonismo algibeirado
Provocações engolidas
Preceitos despromulgados

Viúvas ausentes
Orfanatos inexistentes
Mendigos inéditos
É o que há no mundo dos corpos invivificados

poeta Arcanjo,
Caluquembe-Angola

Escritor

Escrever é imprimir as emoções da alma,
Sentir cada letra e deixá-las despidas,
Criar imagens na semântica da percepção,
Recitar ao silêncio, dando voz a inspiração,
Transcender as barreiras dos medos e libertar a mente,
Onde deixamos legível cada parte de nós,
Ressoar ao vento mesmo quando a escrita não tem voz (...)

Daniel Miguelavez,
Luanda - Angola

Saudosistas

"Fiz um pouco de bem; é a minha melhor obra"

Voltaire



Inverno

Noites frias,
O vento suave bate em meu rosto
Congela minha pele nua
Arre pia meu corpo inerte
No vazio do meu quarto.
Inverno no tempo,
Na alma,
Na cama fria,
Meu coração aquecido com a saudade
Do seu corpo quente,
Do amor ardente,
Que queimava, quando nossos corpos se uniam.

Inverno...
Traz consigo as lembranças
Dos bons tempos de menina
Quando na chuva me banhava,
Seminua vagava pelas ruas
Molhada, saltitava nas biqueiras que escorriam.
Nesse inverno solitário,
Sem você meu grande amado
Sinto o frio a consumir-me.
Não estou aquecida em seus braços
Nem tenho mais agasalho
Pra passar esse inverno
Assim, longe de você

LN Rocha,
Aracaju, Sergipe _ Brasil

Mãe

Mãe, eu prometi;
Não mais andar errante no vácuo da vida
Jamais escutar os delírios que se somam em minha mente
São vozes e mais vozes, as palavras tornam-me um fiel servo
Ontem deitada no teu regaço eu afiancei que:
Não mais procuraria consolo no breu da noite
Onde corujas gemem melodias chocantes
Oh, mãe! O que será de mim?
Que abraço a solidão e nela me alento
É no silêncio que minha Alma descansa e se profana
Somente aí, rasgos de alegria trespassam-me
Oh, mãe! As palavras, elas não me abandonam
Em mim criam, raízes que se estendem em ramos
Intrépidos no meu coração
Meus olhos não são mais testemunhas
Não mais vagueiam pelas superfícies inócuas
Calejadas feridas impregnam o meu ser
Tudo isso se transforma no meu cerne
em melodias que embalam o espírito
E quando os pássaros adormecem
Esse ser selvagem que mora em mim
Uiva estridente
Meus gemidos só se acalmam com teus afagos
Só tu sabes, mãe...
Que trago no coração tatuadas as marcas
Do indelével sonhador
Sob súplicas eu tentei trespassar-me com mil espadas
Mas essa desejosa nirvana tira-me de ti
E leva-me a flutuar em idílicos atalhos
As palavras, elas clamam por mim
Dia e noite são seus exultantes murmúrios que me arrebatam
Sim eu prometi, não mais deslizar
A caneta entre meus dedos
Mas isso me é impossível
Pois, minha essência
É palavra sussurrada no âmago da Alma.

Nádia Pinto,
Lubango-Angola

Meu Amor é Noite

É tarde e o meu amor é noite
Ainda seguro tua carta com a mão trémula
Meu coração ficou uma primula pequena!
Arritmia da paixão, como a canção do ego apertado...

É noite, e o meu amor arde!
Sinto vontade de fugir pelo rastro de jasmim
Que tu, minha vida, deixaste no jardim...
Deixo cair o braço ao longo do corpo sedento de ti

Meu amor, sinto a dor de quem ficou na noite da saudade
No calabouço do castelo, no sentido mais belo!
Afogada no fosso, na fossa da solidão...
Longe estou dos teus braços, dos prazeres da paixão!

Já é tarde, meu amor! Vem acalantar o meu tédio
Para sarar essa dor, só há de ter um remédio:
Vou banhar-me de manjerição e sonhos
Embarcar-me em rede de versos tristonhos... vou chorar!

É noite, amor! O galo cantou, já é tarde!
Deixei o papel escorregar entre os meus dedos... foi ao chão!
Abri mão do orgulho suave, da sofisticada razão
Vou amanhecer poesia, imberbe em versos.

Élle Marques,
E.A. Reservados – Brasil

Fundo d'alma?

Portugal de mim distante,
Por mim distante, como se parte não me fosse.
Fechar olhos, abrir ouvidos
E entranhar-me no que me vem, já vindo há tempos.
Registrar nas brechas que não se deixam de ser...
Felizmente!

Dos ancestrais me visto no que sou hoje
Em e por todos que fui e continuo sendo.
Dos fados que buscam minh'alma sem me mostrar trajetos.
Dos mares que herdo medos
E montes...coragem pura!

Que venha com a força que tem...
...imensa!
Intenso estou para o seu abraço forte.
Seu vento que envolve,
Seu manto que aquece.

Vem no chamado de uma saudade
Do mais fundo de mim,
De onde sou tantos.
Transponha em mim o que tem de mais belo,
Que me pertence, perdido nos meus distantes.

Dou-me conta que TE sou,
Que me quero ver com o teu olhar do tamanho de tantas luas...
Crescer no que tens de TI!

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Saudades

São saudades que nos invadem
os sentimentos não mentem
a sua linda imagem (...)
dança no meu peito a sua linguagem

Há um país em mim;
com as suas províncias sentimentais
municípios à volta do peito
teu amor é o meu bairro azul

Saudades da vaidade
és tu, mulher
a minha linda cidade
onde quero morrer.

Poeta das Indumentárias
Bessa Cadeia
Huambo-Angola

Tango Sem Melancolia

Sonho meus versos serem beijos que te seduzam
Ando trôpega, inebriada, carregada de um desejo ardente!
O sangue corre quente em minhas finas veias
Sinto-me impregnada de uma paixão desenfreada
Que me incendeia...

No paiol dos melhores sentidos, o fogo rapidamente se espalha
As labaredas destroem a imperdoável distância que nos separa
Na imensa palha da desilusão, emerge uma Adega de saudade
A sonoridade grave do teu riso embriaga-me de felicidade

Adoro correr o risco de me encontrar em teus braços
Na mesa posta sem pressa
As cartas estão expressamente abertas
Deixo ser desvelada, descoberta, a nudez do meu silêncio...
Castrado o pudor no calor das cinzas
A chama do amor renasce

Em compasso bem marcado, nasce enigmática melodia
Corpos movem-se pela poesia
Num tango perfeito, sem melancolia
O prazer é a chama que grita e aplaude o nosso espetáculo
No amor, somos bons dançarinos e palco.

Élle Marques,

E.A. Reservados -Brasil

Voltarei

Somos terra árida
Que para sorrir... ávida
Terra de bons cultivos

De negras e brancas,
De chitas e palancas
Nos cobrimos
Dos sábios adágios dos velhos nos imbuímos
Somos palanca...raridade
Percorrem os pés, passeiam os olhos para nos ver
Somos prazer,

Somos Welwitschia que, pela terra árida se estende
Mistério que poucos entendem

Somos Maiombe,
Somos cahombo que pica
O povo ngola testifica

E o Kwanza onde fica?
No silêncio o Kuito dirá
Sou Huíla que além de mumuila
Tem entre as montanhas a via que serpenteia

Somos Sumbe, somos capital do sol
Que ao longe convida
E o Huambo? Que vida!
Nosso Granja pôr-do-sol

Nosso Catumbela, suas águas escorrem em nosso corpo
Para não falar das areias das miragens
Pisadas por essa gente que é gente

Quando voltar dormirei no Ekukui Quimbo
E banharei nas águas do Okavango
Para matar em mim a saudade!

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Afro

Sou AFRO no sangue e na alma
Cabelo liso ou enrolado
O som afro me acalma
Coração descontrolado
O toque do atabaque
Ritmado pela palma
Faz da África um destaque
Como um céu estrelado.

Regina Madeira,
Rio de Janeiro, Brasil

Minha essência


A minha essência tem origem africana
Foi recolhida de uma árvore da savana,
Que até hoje o coração faz perfumar.
E a saudade que ficou daquela terra,
Com a aparência e a beleza que encerra,
A voz do sangue continua a gritar.
Enquanto o corpo precisa do alimento,
A alma pura precisa do elemento,
E o coração é como barro a moldar.
Ainda ouço da selva doce lamento,
Manter a vida é competir com o vento,
Habilidade é p´ra quem sabe caçar.
Ainda ouço dos pequenos o alarido,
A grande fera soltou um grito sentido,
E o sol pungente fez minha alma dourar.
E guardo a essência sempre dentro do peito.
A noite chega e me recolho ao leito.
Sempre sonhando que um dia vou voltar.

Regina Madeira,
Rio de Janeiro-Brasil

Gavetas da saudade

Abriu o mundo de outros tempos idos.
Pegou as fotos e derramou saudades.
Quase apagados os rostos tão queridos.
Tanta inocência de um mundo sem maldades.
Abriu os álbuns e lá estavam elas.
Sua família em doce vaidade.
As vestimentas tão simples, mas tão belas.
Enfeitam, finas, o tempo na cidade.
Passou o tempo e tudo foi mudando.
O pranto escorre e mostra a realidade.
São como folhas do outono já chegando.
O gris cinzento, opaca claridade.
Restam apenas lembranças na gaveta.
Fazendo a dor suave amenidade.
Mas a esperança permite que aconteça.
O renascer da tal felicidade.

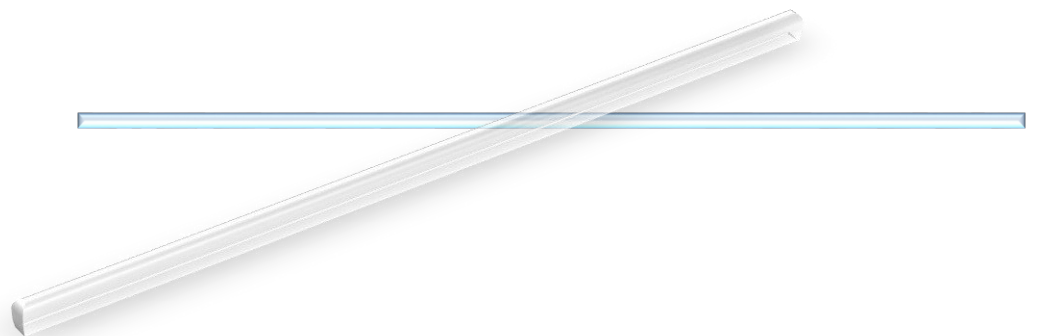
Regina Madeira,
Rio de Janeiro-Brasil.



Poesia (Geral)

"Admiro as inteligências límpidas, mas o que é
homem se lhe faltar substância?"

Saint Exupery



Reme (Pôr do Sol)

O artista divino, com extrema sabedoria celeste
Expôs aos nossos olhos uma obra-prima no céu, estendida
São esplendores gratuitos colocando paz em nossa alma
De onde vem a luz que entra e fica orgulhosa em nossa vida

«como são lindas minhas tardes diante de tanto amor»

«dado como presente de Deus, junto à brisa e seu frescor»

Celeste são os sábios pincéis do nosso criador...
Luz divina doando aos nossos olhos, tamanho fulgor...

Antônio Teixeira (JPB),
Brasil

Há dias assim

Que o doce amarga a boca
Que voz fica presa na garganta
transforma-se em noz

Há dias assim que não nos é
permitido:
Extravasar;
Enlouquecer;
Não, não é permitido,
É permitido sim deixar reinar
a mágoa
Essa dor que corrói o coração...
Isso é permitido
Mascarar tudo e engolir esse amargor
que nos envenena a cada dia,

Sabe!? Vou virar cotovia
Planar os céus, dias a fio;
Ó céus, deixa-me viver livre!
Leva-me a planar contigo
Sob Rios de águas vivas
Deixa-me!
Dançar as sonoridades pacíficas...
Deixa-me!
Só por um momento apenas
sonhar...
Com eterna liberdade...

Nádia Pinto,
Lubango-Angola

Que te faz um poeta?

Alguém me perguntou um dia
 E eu irei responder,
 O que me faz um poeta
 Eu agora vou dizer:
 Quando eu era muito moça
 Lá na cidade natal,
 Em meio aos meus amigos
 Eu era como cristal.
 Todos queriam ouvir
 O que eu tinha a dizer,
 Em meios aos seus problemas
 Eu que ia resolver,
 Mas quando a dor apertava,
 E era eu que sofria,
 Corria aos meus diários
 E nele tudo escrevia,
 As dores, as perdas, os amores
 De nada, ninguém sabia,
 Porque os meus desalentos
 A mim e a Deus pertenciam.
 Mas em meio as minhas dores
 Também tinha alegrias,
 Embalada nesse ritmo
 Eu escrevo uma poesia.
 E o que me faz escrever?
 Tudo que vira poesia.
 Inspiro-me em meu quarto
 No jardim ou ao vento,
 Sob o sol ou sob a lua,
 No calor ou no inverno.
 Ao olhar a criação Divina
 Encontro contentamento
 Se estou feliz ou se estou triste,
 Não importa, eu invento.
 Me instigo ao olhar nos olhos

De quem causou desalento,
 Ou no brilho do olhar
 Que me dá contentamento,
 Solitário ou saudoso
 Uma poesia eu invento.
 Muitas emoções são minhas
 Histórias vividas ao tempo
 Em um espaço real
 Ou numa viagem no tempo.
 Também busco em outros
 amores
 Algumas dessas emoções
 Um amigo ou amante
 Tudo é inspiração.
 E então, eu poetizo
 Com versos, poemas e canções,
 E em cartas eu escrevo
 Algumas reflexões.
 Pra ti que é amigo
 Ou tornou-se só paixão,
 No amor eu poetizo
 E seguro tua mão,
 Pra te dizer um segredo
 Que nunca contei a ninguém
 Sou feliz com os meus versos
 E com teus versos também.
 Aqui conto minha história
 E nela deleito-me,
 Agradecendo a ti
 Que está lendo meus versos

LN Rocha,
 Aracaju, Sergipe _ Brasil

Amém... Amém Jesus!

Que se arem as terras áridas
na espera dos bons frutos
Que se abram os girassóis
Que se voltem os vendavais
Que se acalmem os temporais
Que sejam valentes nossos ideais

Que se busquem em cada aura
as santidades de nossa paz
Que se multipliquem as nossas somas
Que se dividam as nossas cores
Que se alterem as nossas flores
Que sejam luzes nossos amores

Assim é a clama de um poeta
na árdua briga por um sol bonito
Assim é a fé de uma solidão
Na espera do beijo tão desejado
Na ânsia do calor desse amor tão sonhado
Na certeza do "VEM" de um apaixonado!

Antônio Teixeira (JPB)
Brasil

Busca

Que exploda o Portugal que transita no distante de mim,
Nos outros que sou,
Que me junta pedaços de mar, de dor, de canto...vitórias.

Que se agigantem meus poros
Para te receber em sons que cantam almas:
O sublime dos sonhos,
O desfazer de dores.

Quero que me seja parte,
Que me acolha,
Me embale,
Me dê forma.
Que more em mim, Portugal, no seu hoje,
No vivo que estou.

Que me faça asas para te voar
E te descer o chão
Com o mais que tem.

Te andar junto,
Envolvido em todos os dedos incontáveis de suas inúmeras mãos.

Acordar grande, crescido no que me faz te querer.
"Fadar" minh'alma toda no que tens de DIVINO!

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Eu sozinha e Tinta no Papel

Eu sozinha e Tinta no Papel
Horas a fio olhando para o papel
eu sozinha

Lutando contra as entrelinhas
eu sozinha

Mantendo-me fiel
eu sozinha

Possuindo sombras minhas
eu sozinha

Eu sozinha
tentando pintar
as inquietudes, pressões e sobrecargas

Eu sozinha
enquanto deixo minha alma voar
por entre águas e aguarelas amargas

Eu deixada sozinha com tinta e papel.....

Lúcia Morais,
Luanda-Angola

Raylórico

Conviver com clareza

Praticar pensamentos puros

Relevar realidades ruins

Cativar com coração!

Antônio Teixeira (JPB),
Brasil

Anseio

Quero perder de vista tudo que vejo,
Deixar a balda tudo que sinto,
Fazer da ocasião uma oportunidade
Pra respirar sentimentos
Vindo de outros ventos.
Ouço uma voz menina num corpo de mulher,
Vejo-a nuns saltos altos com cílios baixo,
No alto de uma sacada olhando para baixo,
Brisa do meu parabrisa
No carro da minha felicidade.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

Íamos ao campo no tempo da liberdade

Eu quero voltar ao mato
Ver no campo
Flores sorrindo
Capins fluindo
Ver o brotar dos frutos
Colher milhos
Beijar a terra

Quero voltar a trilhar
O caminho da gruta
Mesmo sem guita,
Era só felicidade
Que saudade
Mas a falta da graça
Do bombó com chá
Era o melhor matabicho do mundo,
Quem é o pão nessa?
Era verduras
E mesmo com cara trancada
Tiravas as fechaduras
Íamos ao campo
No tempo
Da liberdade
Da bola de saco
Do suor
Do calor da humanidade
Da grandeza
Dos camponeses
Vês?
O tempo levou
O brilho da terra
A colheita
É débil
O céu já nem é de anil
Mas ainda existe uma eterna
E certeza plena
Os filhos dos negros e camponeses,
Vão desfrutar
Desta terra
Desta guerra
Desta ditadura
Enfim,
Eu um dia verei
E aí eu direi
Chegou a Nova
Ngola, Angola.

África Gomes, Luanda - Angola

Última gota

Sorvo o último gole,
No gargalho da vida,
Na garganta a foice,
Tenho a alma a definhar,
Às tantas serei cinza,

Tal frescor, simples brisa,
No ciclo do cosmo por alinhar,
Na baixa proporção do a(mar),
No tão sorrateiro tempo de mim,
Cujo a ânsia parece ser o fim,

Da ilusão que não brilha no olhar,
Pois, parece que o céu deixou de encantar,
Ao amanhã só nos resta esperar (...)

Daniel Miguelavez,
Luanda – Angola

Só um Céu!

Meu barco não navega em duas águas
Talvez até tenha duas quilhas
Não construí depósitos de magoas
Não consigo ancorar em duas ilhas

Sou o simples navegador
Assim sou leme, sou capitão
Minhas noites não têm duas luas
Meu endereço não tem duas ruas
E só cabe um amor em meu coração!

Não enxergo além do que vejo
Não sinto o que sentem possíveis algozes
Não tem dois sabores meu desejo
Nem minha canção tem duas vozes

Meu plano de frente só tem o ir
Por entender os enganos, é que sou assim
Meus lábios só gostam de um sorrir
Meu tato só sente... Você perto de mim!

Antônio Teixeira (JPB)
Brasil

Trova 51 (nº2)

Tentando rimar agora
Gentileza com paixão
Um versinho me aflora
Ser gentil é fácil não...

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Que nem uma flor

Como pétalas sou
Nos braços do cálice da minha mãe
Um enfeite, um filete de alegria
Nos olhos de quem me admira,
Como antera sou
Portador de pólen
A atracção de uma borboleta
A felicidade de um enxame,
Como estilo sou
Cheio de estigma
Pra dar mais vida ao meu pistilo
E fazer valer a minha existência.

Passo postes postos à beira estrada
Com luzes apagadas,
Cones fecham as estradas deixando mui motas paradas,
Passo postes, postos à beira estrada
Na travessia de cada picada,
Postes de luzes e postos médicos encontrava
Em cada estrada que diambulava,
Com meus passos engatinhados passava
Postes e postos, postos à beira estrada.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

Cantares de estrela

Eu canto amor, mas também canto a morte,
Canto a dor de mãos dadas com a sorte,
Porque na vida resolvi amar,
Vou para o sul, e a vida está no norte,
Carrego a fé como o grande suporte,
Pois, só assim eu consigo viajar.
Eu canto o mar com seu amor profundo,
Que a solidão engole num segundo,
Basta abrir os braços e abraçar,
Diante dele vejo passar o mundo,
Planto semente num solo bem fecundo,
Pois, vim ao mundo para o amor espalhar.
Eu canto o Sol, com sua luz ardente,
Que leva a força na produção da semente,
Levando ajuda para a mesma fecundar,
No coração o canto é dor frequente,
A alma fria dissolve-se em lava quente,
Com tanto amor o que me resta é cantar.
Eu canto a lua pelas ruas da cidade,
Na claridade vou vivendo a verdade,
É impossível uma mentira contar,
Eu levo a vida com muita seriedade,
No coração desconheço a maldade,
Foi dessa forma que aprendi a amar.
Eu canto a Deus com uma fé infinita,
Tudo que tenho foi por Ele a conquista,
E tudo faço para o Senhor agradar,
Ele transforma numa flor mais bonita,
Batalhadora de uma forma nunca vista,
E pelo mundo minha missão completar.

Regina Madeira/Estrela Radiante,
Rio de Janeiro-Brasil.

Tempo primeiro

Vida que segue em TEMPO,
Se enrola e “des”...lógica própria.
Mais que meu entendimento,
Seduz-me, excita, incita
Grudado permanentemente em mim que lhe dou corpo, o corpo e significado.

Dependente meu para se traduzir aos mortais.
VIVO, em mim, para viver.
Tempo que tempo tem, no finito que sou.

Esperto, sim!
Da razão, o Senhor. Assim, a si se define.
Se impregna em mim em todos os meus findos “mins”.
E pode!
Da razão, o Senhor.

Nos meus incontáveis “eus”, ganha forma a sua infinitude.
Tão ótimo-péssimo – medida exata – me finitiza
E se infinitiza em nós, que tantos somos.
Em mim transita e firma-se na própria ausência.

Sou seu transbordo na existência e o acolho no momento primeiro.
Eu o modelo a meu modo enquanto meu...APENAS!
Sei que vem de um mundo outro que não o meu,
Histórias me contam, incansavelmente.
De lá, que o expliquem!

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Quem é o poeta?

Quem é o poeta senão um pintor
Com canetas, lápis e letras
Traça paisagens,
Do âmago, do ego, do ser
Traça figuras e rostos que só ele vê

Quem é o poeta senão um ator
Que faz dos livros um palco
A cada página uma cena, encena
despido e descalço
Tragédias, comédias,
Êxtase e dores
Sofridas nos loucos amores
Sem voz, gritos ou rumores
Em silêncio, todos o ouvem

Quem é o poeta senão um intérprete
Das expressões escondidas
No canto dos lábios, na testa franzida
Na lágrima que molha a ruga sofrida
Traduz desejos adormecidos
Canções jamais reveladas
Em gavetas guardadas
Mas não esquecidas

Quem é o poeta senão o homem
Que enquanto ama, somente vive
Mas quando escreve, assiste a vida.

Cris Miranda,
Brasil

Oh...!

São teus os teus brilhos
Teus são os teus lábios
Dociados de beleza
Nessa imensa natureza

Oh... céus!
Coberto pelas nuvens
E azul pela distância,
Fixas as estrelas no seu manto
Cheio de encanto,

Oh... Meus!
São os olhom
Que contemplam a beleza dos seus
No encanto do manto dos céus
Nessa imensa natureza.

Edson Gabriel,
Lubango - Angola

A criação

(Poetrix)

Amanheceu com versos explodindo em suas mãos
Atomicamente hoje:
Explosia...

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Tempo segundo

TEMPO, eu modelo-te.
Já disse!
Tu contas-me... apenas!
Tua forma, dou-te!
O outro mundo, teu Dono Pleno, colocou-te pra mim
E faz-te meu... temporariamente.
Somos inseparáveis, indivisíveis... contíguos.

Que tal nos cuidarmos mutuamente se nos precisarmos?
Teu tempo de partir é do teu Dono.
De ficar...meu,
Que te dou casa, comida e cama e tudo que me dispõe.
Hospedo-te sem controle do seu ir de vez.

Antes, quero pleno-te, intenso, plural, ético...
ILIMITADO NO TEU POSSÍVEL.
Em mim, somos reis de um complicado-maravilhoso reino.
Portanto, que nos "PLENIFIQUEMOS" em abundância ilimitada
neste tempo de estarmos.

Tu e eu sabemos que há PARTIDA.
O rumo? É com teu Dono.
O meu...também.

Aquele abraço amigo, Amigo,
Nosso obrigado a dois, intenso que fomos.
Sem dor, sem reverter o previsível.
Desobedecer, menos ainda!

Levar o SORRISO que sorriu toda uma vida
Que fez suportar dores com suas razões de dores, serem.

Na partida, aplaudir este caso de amor!
Morar no LEGADO que infinitiza o finito de nós...
ETERNIZA-nos!

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Partilha (Rondel)

Nem só de pão vive o homem,
Mas se de pão se tem fome,
Dê a outrem do que é teu,
Do pouco que DEUS te deu.

Se a doença consome,
Se o amor do mundo some,
Dê a outrem do que é teu,
Do pouco que DEUS te deu.

Lembre de JESUS, o nome.
Dê a outrem do que é teu,
Doa um pouco do que tem,
Faça o bem sem ver a quem,
Nem só de vive o homem...

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Espírito Santo

Luz sem ocaso
Farol da madrugada
Crepúsculo das trevas
Luz dos bregos passos

Nos horizontes distantes
Nas miragens cadentes
Para sempre necessário
No tocar o imperceptível

No trepidar das águas
No rolar da natureza
Eternamente farol

Espírito do meu espírito
Luz da minha luz
Livrai-me das trevas

Kandimblé,
Lubango-Angola

Aroma

Não sou física, nem virtual
Sou aroma solta no vento
Impregnando tudo a contento
Sem buscar nenhum intento
Na primavera eu afloro,
no outono me desfolho,
sem deixar nenhum vestígio,
no inverno me retiro
hiberno solitária,
Até que chegue o verão
Com uma nova indumentária

Cris Miranda,
Brasil

Já não quero defender ninguém!

Eles mentem, matam, humilham, e em cada final de audiência (Tribunal) tenho que os declarar inocentes ou terem que respondam sob fiança.

E a esperança

Morre no olhar de quem espera

Uma justiça nula.

Vocês não têm noção do que acontece naquele escritório, nos bares, até mesmo em minha casa, ameaças atrás de chantagens por um final não-merecido.

Quando me formava em Advocacia, só tinha noção de salvar verdadeiras almas da culpa, tirar o peso de consciência das costas dos inocentes, e deixar que paguem pelos danos quem realmente matou, roubou, violou, abusou, assediou.

Você sabe o que acontece, com quem paga um crime mesmo sendo inocente? É justo?

Beber um café frio, comer pão seco, não ter nada no cofre,

Eu não quero mais.

Engolir mentiras para salvar

Vidas

Sonhos

Estatutos

E não vidas humanas? E não o ser?

Isso não é o que eu queria.

Mas já sabem: quem manda muitas vezes é o bolso, não foi para isso que me formei, que jurei à bandeira e à profissão.

Minha mãe dizia "estuda, pois, os filhos de camponeses não têm muitas escolhas, a não ser estudar" e nunca perder a essência da vida, a paixão pela humanidade, sempre com a humildade em tudo.

Mãe!

Estou tão cansada, porque não estou cumprindo o legado de um ser humano. Como recuperar a honra? Se calhar, os meus ancestrais estão zangados, certo?

No tribunal, nunca se defende a verdade, os fardos que carrego são uma tortura.

Um dia eu vou largar isso, eu não quero defender:

Estatuto social

Nível académico.

Quero salvar vidas e seres.

Eu não quero ser mais desta equipa

Que julga o ter mais importante do que o ser.

África Gomes, Luanda – Angola

Uma tremenda vontade

Poesia é vôo de liberdade...

Menina, tenho tido uma tremenda vontade
De gritar, rir e chorar de felicidade,
Como cachorro preso por invisível coleira,
Ou nos limites de um quintal, a vida inteira,
Daí, distraidamente, alguém ao portão não fecha,
Eis o bicho, sem coleira, e vê a brecha:
É mais um cachorro feliz, ganhando a rua,
Como os poetas contrabandeando poesia, lá da lua,
Como seres que andavam em pesado andar,
Então, descubrem que se lhes foram dadas asas para voar...
Sonhos e desejos do bem têm imenso poder,
Assim, de surpresa, explodem, e fazem-se acontecer!
E, por serem poderosamente do bem, trazem o fato,
De que tudo tem tempo para acontecer, seu momento exato,
Para que sonhos virem projetos viáveis de execução,
Para que almas gêmeas se esbarrem em alta colisão:
Antes que o sonho bom invada e conquiste a realidade,
Sonhadores! É preciso ter antes uma tremenda vontade!

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo-Brasil

Haikai 30

Teu olho de gato
Minha fome de pantera
Conluio de feras...

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

Identidade

Aprendi a amar-me.

Não podemos amar ninguém sem que nos amemos primeiro.

E primeiro amor é para sempre.

Sou gordinha sim, bem gordinha, sim,

E amo-me assim.

Sou baixinha sim, bem baixinha, sim,

E amo-me assim.

Sou negra sim, bem negra, sim

E amo-me assim.

Sou amiga sim, bem amiga, sim,

E amo ser assim.

Eu escrevo sim, sempre escrevo, sim

E vou ser sempre assim.

Sou feliz assim, bem feliz assim,

E vou ser sempre assim.

Regina Madeira,
Rio de Janeiro-Brasil

Sussurros!...

Não precisa de gritos, rosnados, ou zurros...

Então, tu que tens coração de Poeta,
Quem sussurrou em tua alma a Senha Secreta
Enquanto dormias, para tantos portais,
As belezas deste mundo, e além mais!?...
Quem sabe, ninguém tenha reparado,
Mas, tu mesmo és um ser alado...
A alma sabe que, sussurrando com gentileza,
Veio à existência tudo que há na natureza,
A final, quando se tem uma voz onipotente,
Pra quê sair berrando, minha gente!?...
Senhor dos sussurros suaves,
Dos trinados e chilreios das canoras aves:
Será que cada um dos ventos
Vibrando suas asas faz seus movimentos?...
Voando, vão os anjos arcanjos e todo querubim;
Sussurrando sai uma oração de ti e de mim:
É aos sussurros que nos vem toda Inspiração?
Sussurros nos incitam a partir para a ação?
Mesmo ganhando o pão a suor e murros,
A alma ainda consegue ouvir os sussurros...
Não sei se em meu entendimento eu muito erro,
Mas a Voz Divina fala ao sussurro, e não berro...

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo-Brasi.

Velha vila velha

Por mais não querer, dói no fundo do mais fundo do que há em mim.

Parece que encontro a dor de quem morreu nesta sua pureza e acordou aos gritos/desespero puro de não mais o achar neste lugar.

Onde está?

Na sua grandeza mastigada por dentes imensos de uma digestão que não se completa, que se indigesta em si?

A nostalgia dói de gritar quanto mais fundo nas distancias do novo que o acabou, que se nega a se afastar de mim.

Não me morre...dói no que sou.

A hora leva-me a dormir sobre minhas lembranças...o que me resta!

Tentar acordar sem olhos abrir.

Não ver a boca de dentes enormes que nos mastiga a todos e, pasmem, com preguiça no engolir!

Pior para quem agoniza o lugar perdido.

Que vá na paz do que busca,

Segure sua dor e esperança e jogue-se no "quem" o empurra pra frente.

Como em vendaval, o sigo como folha que sou.

Sua força empurra-me porque seu FORTE me é MAIOR.

Seguro-me nas lembranças...

De saudades, armo-me!

De você, VELHA VILA, salvo seu tempo morto-puro-divino na minha alma que se engravidou de você.

Do que o vi/cheirei, se me impregnou.

Seu corpo-tempo guarda-se no meu forte...VIVO, "IMORRÍVEL".

Lhe tenho em mim!

Pedro Antônio de Souza,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil

O quanto for capaz

Seja discreto, o quanto for capaz,
Quem quer que o Amor lhe veio tirar a paz,
Quem quer que o Amor veio deixar no prejuízo
Levando de si cada gotinha de juízo,
Tirando aquela postura tão pé no chão,
E encharcado a Alma em combustível de Paixão:
Numa bobeadas, a gente pisca,
Nem vê de onde vem a Faísca,
É o fim daquele sossego gostoso - e danado -
O Coração Iceberg virou um " trem " incendiado,
Querendo queimar todos os cantinhos ranzinzas,
Querendo ser Fênix e renascer das cinzas,
Daí, se acende cada olho como um farol,
Ainda à noite a gente vira sol,
E a paixão, se for aceita, quando declarada,
Leva a gente a dar um monte de deliciosa mancada,
A gente nem vigia tanto cada pequenino mico que faz,
Tente deter o Amor e a Paixão, o quanto for capaz...

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo-Brasil

Cravo de rosa mariana

De rosto moreno – Beleza de mundos
Ela tem lábios macios e ternos
Olhos brilhantes e profundos
Sorriso dourado com cantares eternos

Rainha ao ritmo de oração
Corpo de luzente princesa
Voz que encanta sem licença
Abraço que abrasa o coração

Kandimblé,
Lubango-Angola

Poema Dalangola

Quantos anos se passaram desde dois mil e treze?
Quem me dera ver novos poetas no estilo Dalangola,
Quiçá você, caro leitor, escritor de Angola
Quotizar com suas rimas nessa forma d'escrever.

Para minha alegria e de todos os dalangolistas
Penso numa festa de grande chuva de poemas
Pintando, com letras molhadas, nossas escrivatinhas
Possuidora de obras que nos caracterizam como ficcionistas,
Publicadores internacionais de agradáveis textos pra nossas almas.

Mwéene-Ndaka,
Namibe-Angola

Além das eras

E quando sonho que não te conheço
Acordo chorando, trava-se o peito
Quando se confunde o pensamento
E vejo-me, assim, soltando a tua mão

Minha alma aflige-se dentro de mim
Sinto que pereço nesses pesadelos
Pois, só a teu querer, o meu responde sim
E, só teu corpo compreende os apelos

Da minha carne feita dependente
Da tua matéria e do cheiro que libera
Se no sonho, bem mais na realidade
Necessito pertencer-te além das eras.

Débora Évellyn Oliveira Lima,
Vitória de Santo Antão -PE- Brasil

Essa coisa chamada saudade

Essa coisa chamada saudade, parece que vem pelo ar,
Parece que nos vem lembrar que a gente é capaz de lembrar,
Lembrar dos tempos de criança,
Lembrar do primeiro convite à dança...
Saudade não é só memória que se tem na vida
De coisa, momento ou gente perdida
Nos ponteiros do tempo, que não dão marcha ré,
Saudade é um relicário de coisa boa, até...
E, mesmo que nada do passado se recupere,
O muito, ou pouco de bom ajuda que a gente supere
Tudo que é onda má que nos vêm no momento,
As lembranças boas dão-nos força e alento,
Ouso dizer que dão até Esperança,
Não sei se tão forte àquela que tínhamos quando criança,
Mas é como um bunker, uma trincheira
Onde guardam-se as coisas boas da vida inteira,
Memória-Tesouro para gente, quiçá, compartilhar
Ao pé do ouvido, num diário ou num jantar,
Memória-Tesouro, servida de bandeja a nós, nessa idade
Por essa coisa chamada Saudade...

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo-Brasil

Corrupção

Não denota desejo essa minha inclinação
De pasmar ante a face da beleza
Que não pisa o mesmo chão
Que meus pés rachados
Antes zomba do resto da natureza.

Não é por querer seus corpos que me espanto
É por ver que do topo à cova vai à humanidade
Resta a contemplação de uma verdade:
O belo e o feio são a mesma lama
Arrastando-se para a eternidade.

Mas, há generosidade divina na fecunda inspiração
De criar faces de beleza quase sacras
Para, depois, as deitar nas garras da destruição
Enquanto vão os vermes à folga

Mais o tempo passa, mais, enfim, percebo
Que da aparência a glória logo passa
Então, preservarei na memória o peso
E o gozo da inveja desdenhosa

A imagem áurea da perfeição
Que no rosto de certas mulheres
Revela a face da glória e da corrupção
Inexorável da matéria.

Débora Évellyn Oliveira Lima,
Vitória de Santo Antão –PE- Brasil

A formação

No despertar e no colorir da manhã
No consumo da cronologia
Na calada da noite
No sepulcro do silêncio

De rosto erguido
Olhos fitos no papel
Com uma esferográfica
Vou desenhando minha formação

Cada dia um passo
Cada erro uma esperança
Cada minuto uma aurora

Até à formação
Que como a neve
A minha vida tornará

Kandimblé,
Lubango-Angola

As metades que uma pessoa tem

Todas as metades que uma pessoa tem
Estão pedindo as metades de outro alguém...
Se eu pensar errado, por favor, perdão,
Mas não adianta procurar em uma multidão,
Nem aquela conversa afiada de amar toda a humanidade:
Só 50% é o que forma uma metade,
E, pelo mundo inteiro, ninguém está completo, inteiro,
Sem se acertar no afetivo, companheira e companheiro...
A gente pode atuar em tudo que é setor,
E todo setor é metade, se nos falar um amor,
Estamos só pela metade se nos faltar aquele bem,
Fica sem completar as metades que uma pessoa tem...

Silvio Fergon,
Santos, São Paulo-Brasil.

CONTOS

*“Quando nasceste, ao teu redor todos riam, só tu choravas. Faze
por viver de tal como que, à hora da tua morte, todos chorem, só tu
rias”*

Confúcio

Que sede!...

Ela passeava pelo calçadão despreocupada com os perigos da noite carioca. Deixou cair sem perceber, um objeto seu. Um rapaz negro, descalço, de boné e sem camisa apressou o passo, correu em sua direção.

Desconfiada e evitando olhar para trás, ela também apressou o passo, correu, correu mais, subiu as escadas daquele velho prédio de três andares o mais rápido que podia, sentindo a respiração ofegante, entrou no apartamento 37, trancando a porta depois de si...

Daqui a pouco alguém bate a porta, abre-a e constata, é ele: "_ Você deixou cair o seu celular, moça..."

Agradecida, deixa-o entrar, beija-o no rosto, desceu um pouco, acariciando-o.

Ele, paralisado. Ela pensando, com os lábios encostados em seu pescoço: "Que sede!..."

Ninguém nunca mais viu aquele jovem no calçadão.

Nina Costa,
Mimoso do Sul, Espírito Santo-Brasil.

Quase incomum

O amor não é senão o desejo; e assim, o desejo é o princípio original de que todas as nossas paixões decorrem, como os riachos da sua origem; por isso, sempre que o desejo de um objeto se acende nos nossos corações, pomo-nos a persegui-lo e a procurá-lo e somos levados a mil desordens.

Miguel de Cervantes

Alguém disse que devemos parar de reclamar, de brigar por besteira, de sobrecarregar os nossos ombros e os dos outros com críticas que poderiam ser evitadas, e, assim, viver a vida de uma maneira a enxergar o que é prioridade. Alguém parece estar certo. Mas e o que se tem a dizer acerca de quais são os aspectos da vida que merecem ser priorizados? Quando perguntado acerca disso, alguém sempre apresenta evasivas ou, simplesmente, silencia, talvez porque as prioridades entre os alguéns não são passíveis de harmonização. Não num mundo sem equalização bioquímica ou condicionamento da consciência.

Eu, inclusive, já ouvi que não deveria andar descalça para não ficar com os pés grandes e achatados ou que preciso deixar o cabelo comprido, para ser mais atraente, embora não esteja querendo atrair nada além de sorte, e não acho que a sorte flerte com cabelos, ultimamente parece ter mais a ver com coisas da internet e seu alcance pseudodemocrático. Também já me disseram para usar outras roupas, comprar outras coisas, deixar de ser "besta"... Até já me mandaram calar a boca (e mais de uma vez!). São coisas que não nos fazem bem, a princípio, porque não somam ao caráter, à personalidade ou à criatividade, mas, talvez sejam exigências das prioridades de alguém, de modo que esse alguém não consiga evitar de imputar suas prioridades aos outros... Bem, ao menos essas "tendências" nos ensinam a evitar o que e quem quer que já não queiramos por perto e servem também de teste para afiar o estoicismo...

A gente vai aprendendo a importância de dizer o quanto as pessoas que amamos são relevantes para nós, mesmo com seus defeitos; o quanto é maravilhoso desfrutar de momentos singelos com quem importa para nós, enquanto estão por perto e que cada dia é uma dádiva, um dom a ser desfrutado com leveza e gratidão, ainda que, para perceber, precisemos um pouco de Prozac. Assim, Renata estava aprendendo a definir suas próprias prioridades, assim, prometeu para si mesma que lutaria por elas!

Por isso, sentiu-se feliz pela oportunidade de ter visto seus filhos brincando. Sentiu-se satisfeita por suas opções conservadoras, por seu mundo ainda ser o mundo do liberalismo, da reprodução vivípara, da propriedade privada e do direito à angústia da competitividade e da liberdade de consciência e crença, embora não houvesse muita liberdade em assimilar a tradição que seus avós lhe empurraram pela goela. Sentiu-se ligeiramente plena ao perceber que seu desejo de ser mãe a fizera tão plena de vida, especialmente naquela manhã, por a ter ouvido dizer que a amavam, por ter feito a comidinha deles e ministrado seus remédios para alergia... E rogou a Deus (que, segundo alguns, foi projetado por sua própria necessidade de ser como Deus) que seus filhos nunca a achassem egoísta por tê-los trazido a esse mundo, porquanto não fora por mais ninguém que os quisera, senão por sua própria necessidade.

Pensou, então, que, mesmo quando o cansaço batia pesado e a preocupação arremessava longe o seu sono: aquele era o seu conto de fadas, meio que às avessas, mas queria vivê-lo intensamente!

Então, pensou em seu casamento, em como as coisas entre ela e João haviam mudado desde que iniciaram a vida a dois, comprometidos com o vínculo firmado, com a criação dos filhos que, no auge da identificação entre seus membros, escolheram ter pelo desejo de continuar, de se perpetuar em corpo alheio.

E foi a necessidade de proteger e acarinhar aquelas crias que afastou todo ideal de comunidade que permeava a mente *Hippie* de João, assim como fora sua paixão que o fizera aceitar a ideia de casamento, esse ícone da religião a serviço da burguesia, que só serve para fortalecer a propriedade privada, os latifúndios da alma. Não porque qualquer possibilidade de interesse por outra mulher houvesse desaparecido de seu corpo, mas porque não seria hipócrita ao ponto de negar à sua mulher o mesmo direito ao desejo. No entanto, não suportaria vê-la nos braços de outro. Então rendeu-se às convenções e resolveu casar.

Ambos engordaram um pouco, ele, progressista, fez mestrado; ela, conservadora, só especialização, porquanto, embora amasse a vida acadêmica, amava mais seu lar e sentia que se precisava dedicar à formação moral de seus meninos, mas à medida até do impossível, amparavam-se, ajudavam-se e nutriam um pelo outro a admiração necessária para não permitir que o desejo se esvaísse, não totalmente.

Às vezes, um pouco de ciúme era inevitável, pois, enquanto Renata, aos trinta e cinco anos, se sentia diferente: a pele tornara-se um pouco flácida, o olhar um tanto sem brilho, os cabelos brancos começavam a aparecer, os quadris alargaram-se com as distâncias que se lançam entre as almas humanas (algo totalmente sem volta) o que provocava uma insegurança, embora continuasse sendo uma mulher linda e atraente. O que causava inquietação era o fato de que João, aos quarenta anos, tornara-se mais interessante, mais charmoso, mais encorpado, mais sensual. As rugas em torno de seus olhos só realçavam aquele tom amarelo que, há quase vinte anos, havia arrebatado o coração de Renata e cada sentido seu.

Além disso, o fato de que João era professor universitário, professor de filosofia de dezenas de garotas que se diziam existencialistas, materialistas e pós-humanistas que entendiam muito bem acerca do poder libertário da autodeterminação sexual e utilizavam o sexo como meio de prazer e instrumento revolucionário, mulheres que bebiam nas teorias marcusianas para promover a absorção do pensamento marxista pela mudança do comportamento, do pensamento e da difusão ideológica por meio das redes de ensino, garotas que eram feministas, mas cuja "sororidade" acabava quando o seu direito de coito esbarrava no estado civil do objeto de desejo. Até porque, como bem teorizadas que eram, não acreditavam em exclusividade conjugal, não acreditavam em um mundo sem promiscuidade útil, afinal, para o bom socialista: tudo é de todos, corpo a corpo, membro a membro.

Mas não era o poder das teorias ou a força das hipóteses que causavam inquietação em Renata. Ela e João já haviam amadurecido bem as diretrizes de sua sociedade conjugal, eram imunes aos postulados. O que tirava o sono era a percepção do gradual arrefecimento do desejo de João... Não obstante não se sentir confortável com a ideia, como Renata estava passando a limpo suas prioridades, acolheu na cabeça o pensamento de que seu casamento merecia uma atenção especial. A lealdade de anos, o companheirismo, a parceria no cuidado com os filhos faziam com que seu marido merecesse ser priorizado também. Principalmente quando seu comportamento merecia um pouco de atenção, pois, embora imune às opiniões, como qualquer outro homem ou mulher, não era imune aos sentidos.

Então, decidiu fazer uma surpresa a ele, escolheu, entre um leque de ideias, passar na universidade, algo que não fazia há anos, porque detestava atravessar aquele *campus* enorme (o

estacionamento dos visitantes ficava do lado de fora). Pegou as crianças na escola mais cedo, levou-as à casa dos avós, e, diante das expressões de estranhamento dos sogros, seguiu ao encontro de João, cujo telefone estava desligado.

Ao chegar, procurou pelo marido na sala dos professores, na coordenação do curso e não o encontrou em espaço comum nenhum.

Atravessou um jardim enorme, cheio de paus-Brasil e grama que, diferentemente do que ocorre nas universidades europeias, era bastante utilizada para sentar, deitar, pisar e o que mais se pudesse fazer ali. Depois de perguntar a muitas pessoas onde estaria o professor João, uma colega informou que havia visto o professor passar para as salas privativas dos professores que ficavam no bloco leste, informou que passara acompanhado de Simone.

Renata conhecia essa aluna, volta e outra seu nome vagueava pela boca charmosa de seu marido, ele vivia impressionado com a capacidade argumentativa da jovem, mas o que impressionava Renata era o fogo em seus cabelos e os montes em seu busto, além da dança natural de suas ancas. Quando Simone caminhava parecia que sua bunda tinha vida própria na sincronia perfeita em sobe-e-desce, sobe-e-desce, como quem chama a práticas lascivas, como se aquele corpo apenas para isso houvesse sido feito. De fato, Simone era uma de suas alunas mais instigantes.

Naquele momento, o coração de Renata parou, voltou a bater e retrocedeu ao momento em que decidira ir àquele lugar, já estava arrependida, sentia raiva de si por não querer saber. Sentia ódio de si por ter sido tão idiota. Sentia ódio de João por ter sido tão cínico, por ter-lhe feito promessas contrárias à sua natureza, à sua ideologia. Ele era um hipócrita.

Seguiu até a sala dele, ela sabia onde ficava, só não imaginava que, naquele momento de rápido intervalo entre uma aula e outra ele estaria ali. No mínimo, estava com tanto tesão que precisava se aliviar às pressas. Como no início do relacionamento deles, em que, muitas vezes, não suportavam sequer terminar o preparo do almoço e se consumiam ali mesmo, de pé, apoiados na mesa da cozinha, e o mesmo acontecia antes do jantar.

Renata não havia visto nada, não havia ouvido nada além de uma informação vaga, mas já seguia em direção às salas privativas totalmente desolada, incapaz de sentir o chão sob os seus pés, apenas flutuava, levada, pelo rancor àquele lugar que lhe revelaria quantas decepções estão destinadas às mentes tolas que tendem a acreditar

em instituições que só se prestam a instrumentalizar a opressão, fixando papéis de gênero, fixando propriedade em desfavor dos menos favorecidos, pois, o mundo foi capitaneado em glebas apenas para os que tinham nome, desde sempre.

Totalmente desolada, girou a maçaneta, a porta estava trancada. Trancada! Bateu sôfrega e ruidosamente, começava a desesperar-se, queria só ver que tipo de desculpa ele buscaria em todo silogismo do mundo, para explicar o que estava fazendo lá dentro com Simone.

A porta foi aberta, Renata invadiu o pequeno quarto dotado apenas de um sofá de dois lugares, uma pequena estante com quatro prateleiras e um ventilador de teto. Não havia onde se esconder naquele quarto de doze metros quadrados.

Assustado, João passou a mão no rosto, colocou os óculos, queria saber se algo havia acontecido com os meninos.

Ainda exaltada, Renata disse que os meninos estavam bem e perguntou porque ele estava trancado lá durante o horário de aula. João, que sofria de constantes crises de enxaqueca, havia precisado deitar-se um pouco no escuro para se restabelecer e, para tanto, trocara de horário com um colega. Alegou que costumava trancar-se para não ser incomodado. E revelou à sua mulher que, há poucas horas, descobrira, através do resultado de um exame que havia chegado em seu e-mail, que estava com diabetes e que, talvez por isso, tenha decepcionado sua gata selvagem esses últimos dias. Em seguida, pediu perdão e disse que daria um jeito, pois, sabia muito bem que quem compra um tigre tem o dever moral de o alimentar e prometeu-a dar um jeito nisso.

João ainda estava confuso com a visita inesperada e queria saber o que estava acontecendo. A expressão do rosto de Renata já havia mudado, mas diante do nervosismo e do medo que sentira, começou a chorar.

João comoveu-se, pensando que sua esposa estava condoída de sua situação de saúde e prometeu que não permitiria que a doença os afastasse, que se iria cuidar e disse, brincalhão “enquanto eu tiver nariz e dedo, minha mulher não me põe medo. Nesse momento, Renata sorriu e o interpelou: “você acha que eu só penso nisso, não é?” Abraçando sua esposa, João respondeu “Acho não, gostosa, tenho certeza! Vai dizer que não foi para isso que você veio aqui com esse perfume?” Então, olhou se não vinha alguém, trancou a porta e puxou para dentro sua mulher, passando a chave novamente.

Débora Évellyn Oliveira Lima, Vitória de Santo Antão –PE- Brasil

Tio João Caçador

Saía todas às manhãs para caçar. Lá estava ele com a sua flecha pendurada no ombro esquerdo, na mão direita levava a sua catana que foi afiada na pedra do seu quintal, e na cintura estava pendurada a sua baioneta com cabo de borracha.

Era de dar-se conta que o tio João caçador estava a passar porque gostava muito de assobiar e ele bem sabia fazer como ninguém na minha área e também cantava que cantava. Fazia-se seguir sempre com os seus três cachorros, eram rafeiros, mas eram possantes. só mesmo o kota ¹João Caçador que vos poderia contar com mais detalhes.

Tio João Caçador já caçou de tudo um pouco que há nas matas da sua aldeia. Certo dia, numa manhã sem sol pôs-se no matagal para recolher as suas armadilhas e ratoeiras que havia posto nalguns locais, um trabalho que já era comumente realizado por ele.

Foi recolhendo, mas num local onde havia posto njanjo² não encontrou a galinha do mato, nem um outro animal habituado a caçar, apenas vestígios de sangue. Era de estranhar, era num local junto a um pequeno rio que cruzava aquele matagal.

_ O que deverá ser isso? Questionou-se o Tio João Caçador, porque havia nas pedras que rodeavam o local, sangue escorrendo, parecendo mesmo que algum animal teria sido devorado poucos minutos antes da sua chegada.

Enquanto ele buscava resposta, ouvia os cães a ladrar, correu ao encontro deles e posto lá, na pedra adiante ouviu o triturar de um animal, tru,tu,tru,tru, aproximou-se e viu que era um enorme jacaré. O Tio João tem todo potencial para derrubar um jacaré, mas um dos cães se atreveu a encostar, em poucos segundos serviu-se de segunda refeição para o jacaré. Tentou intervir o Tio João, mas infelizmente acertou-lhe com a primeira picada da flecha. Olha que ele se surpreendeu quando o jacaré se desfez e o atacou, tirando-o uma de suas pernas, ainda lutou fortemente até desmaiar por culpa da hemorragia. Mais logo, a Dona Sara foi ao matagal colher lenha, encontrou-o ainda com vida, enquanto do outro lado estava despedaçado e morto o jacaré.

¹ Kota- Mais velho.

² Njanjo- (umbundu-Angola) Armadilha feita com linha para agarrar pássaros e galinhas do mato.

_ Se não o tivesse mexido, embora segundos depois de ter devorar o meu Sabí, não me teria comido a perna. Precipitei-me demais. _Disse o Tio João Caçador.

Contou tudo à senhora sobre o que havia acontecido naquele local, minutos depois também acabou por perder a vida.

A aldeia entrou em choros quando deu conta da morte do kota. Até hoje o malgrado é recordado, levando agora o apelido de "homem do jacaré".

Coitado!

Mille Tavares,
Lubango-Angola

Editado

Ela gemia por tudo que era canto, gritava mais bem suavemente. Nunca antes havia presenciado algum sem igual, ela só dizia: _quero ir embora. _sai já, está a demorar muito.

Procurava inúmeras posições para assim a dor bradar e em leves segundos tentar desanuviar, era uma guerra impossível era dor forte, eu conseguia sentir seu frio e medo ao mesmo tempo, era primeira vez, ela só queria dessa sensação se livrar, mas era uma emoção sem explicação que a deixava estressada, com o corpo dorido, coração transbordante e esperança nos braços!

Eu juro que fiquei com certa pena, pois, eu não tinha como a ajudar minimizar nada, só podia "dizer que ia ficar tudo bem, aguenta, falta pouco, mas as horas passavam e nada, que desespero, era anseio, vontade medo, desejo, mais a força que movia ela para todo canto.

Que espera mais agonizante, mas fascinante. E foi então que ao pôr-do-sol veio à luz, a esperança, a certeza, o sonho esperando, a pureza no olhar, a representação mais pura do amor, é que depois da tempestade vem sempre a bonança e certeza de que o amanhã é primavera.

África Gomes,
Luanda – Angola

Damiana e Túlio

Ninguém pode achar que falhou a sua missão neste mundo, se aliviou o fardo de outra pessoa.

[Charles Dickens](#)

Naquela manhã em que o verão chegara exatamente às 10h, quando sentiu a onda indiscreta de calor subir sob suas saias e gotas de suor escorrerem insistentes por suas pernas cujos joelhos se inclinavam ligeiramente para dentro, pensou, enquanto se tangia com uma revista velha, que seria mais fácil ser feliz se deixasse o medo de lado. Se pudesse...

Damiana sabia que se deixamos de nos importar tanto com as opiniões de quem não é relevante, tornamo-nos um pouco mais leves, mas, por mais que fosse difícil ignorar o desdém das pessoas, há, ainda, a nossa volta, aqueles que se fazem o cerne dos nossos esforços de humanidade, mas nem sempre os reconhecem ou retribuem, nem sempre são sequer capazes. E, no entanto, precisamos continuar a cuidar... Se assim não fosse, seríamos egoístas e maus, mas, sendo assim, às vezes, não sabemos encontrar o ponto onde equilibrar nossos sentimentos sempre achincalhados pelos que não conseguem cumprir seu papel no acordo eterno, silencioso e inerente aos conviventes, ainda que sequer exista culpa.

Havia dezessete anos que nascera o filho tão esperado de Damiana, Túlio fora um menino desejado, com quem sonhara por muitas noites e dias enquanto acariciava sua barriga e cantava, porquanto sabia que os bebês podem ouvir mesmo no ventre. Depois de se decepcionar com muitos relacionamentos, Damiana resolvera que era capaz de fazer isso sozinha e planejou e executou uma gravidez independente.

Ao nascer, aquele lindo menino moreno de olhos claros e cabeleira cheia, sempre olhava nos olhos de sua mãe enquanto mamava, sorria, tinha atenção com tudo em redor e mexia suas mãozinhas e pés gorduchos quando se sentia ansioso por alguma coisa. Foram os dias mais mágicos da existência de uma mulher que, não sendo forçada a sê-lo, descobriu que se sentiria plena em ser mãe e foi, até certo ponto.

Com poucos meses, Túlio passou a demonstrar instabilidade emocional, chorava sem motivo aparente, gritava por horas seguidas, sem dor, sem fome, sem qualquer incômodo evidente e sem se saber comunicar. A pediatra, não sabendo precisar qualquer

enfermidade, atribuiu à idade, descartou a possibilidade de autismo em razão da interação de Túlio com a mãe e outras crianças e sugeriu banhos de piscina, e terapias, ambientação, além de acompanhamento psicológico, a fim de que aquele bebê que não conseguia dormir por três horas seguidas e já demonstrava traços de agressividade, pudesse ter melhor qualidade de vida junto à sua família.

Conforme Túlio crescia, Damiana viu que precisaria parar de trabalhar, estava exausta e não seria capaz de deixar seu filho com outra pessoa, quando, na verdade, ela mesma, por pouco não perdia o controle com ele e, muitas vezes, se sentia completamente incapaz de cuidar dele, de seu próprio filho. Questionava-se acerca de cada atitude, se não estaria agindo errado, de maneira precipitada ou omissa, ou, de qualquer forma, incompatível com as necessidades da criança, vivia exausta e sentia-se um lixo.

Era uma mãe que queria fazer o melhor, mas parecia não acertar nunca, e seu filho crescia: gritando para tomar banho, gritando para comer, jogando tudo no chão, agitado, chorando, impaciente, insatisfeito. Às vezes, era um bebê risonho, mas quando era passado aquele momento breve de euforia, iniciavam-se as crises de furor, crises que eram desencadeadas por coisas como a temperatura da cama, a cor da comida o barulho da água caindo no chão.

Quando Túlio fez dois anos, certa noite, rasgou o próprio rosto com as unhas. Não sabendo o que fazer para controlar a fúria de seu filho, não aguentando mais ouvir seus gritos nem levar pontapés a cada vez que tentava lhe dar um pouco de comida, Damiana procurou ajuda de um neurologista pediátrico e, depois de muitos exames e consultas médicas, descobriu que Túlio era esquizofrênico.

Foi um golpe naquela mãe solteira de filho único, a sensação de que nada correria conforme o planejado, aquela sensação de que as atitudes que sempre pareceram partir de sentimentos autônomos, aquela certeza de que qualquer criança só precisa de amor, tudo isso havia morrido dentro de si. Reações, hábitos e quaisquer aspectos do comportamento não passavam de reações bioquímicas, e, no seu pequeno filho, não condiziam com o comum, simplesmente porque algo no seu corpo não funcionava bem.

Por muito tempo, não conseguiu sequer evitar culpar-se, escolhera viver aquela experiência de uma maneira não convencional, não sabia se a doença de Túlio fora herdada de seu pai ou dela mesma, não sabia se seu filho sofria por algo que ela tivesse feito durante a gestação...

Julgou que seria capaz de dar conta de tudo e, de repente, passou a precisar do auxílio de parentes que sequer se importavam com Túlio. Damiana sabia que seria mais fácil, mais leve se compreendesse que nosso papel não é inferior por ser diferente, que cada filho é especial do modo que é, que é possível sentir alegria no que se tem, que mais vale amar seu jardim que sonhar com a fazenda de outrem..., porém, já se sentia cansada até de tentar ser racional, quem dirá de tentar romancear sua realidade catastrófica.

O fato é que regra geral, quando todos assumem seu lugar no mundo, e comprometem-se com o que devem fazer, as coisas funcionam e tudo vai bem. Regra geral, não é penoso ser mãe, se há boa vontade. Não é doloroso até ser esposa, se há amor e desde que esse amor, com amor seja retribuído; desde que exista responsabilidade da parte de cada membro com seu papel dentro da família, mas, na vida de Damiana, nada seguia regras gerais.

Damiana sabia que também é possível ser feliz sozinha, que todo ser, em si, está completo, de modo que só não temos o direito de adentrar na esfera de outro ser apenas para lhe fazer mal: seja de que forma for, mas, escolhera dividir sua vida com Túlio, talvez por egoísmo do seu desejo de maternar. E, agora, pesava sobre seus ombros uma grande responsabilidade.

Também sabia bem que, para quem precisa de afeto, a simples indiferença de quem o deve é um crime! Por isso, chorava, muitas vezes, de vergonha e remorso pelas vezes em que desejou nunca ter concebido aquela criança doente que, naquele momento, era um fardo para ela e para si mesmo.

Por isso, naquela manhã em que o suor escorria e seu filho adolescente que havia regurgitado seus remédios para esquizofrenia, estava diante dela com uma faca na mão dizendo que o homem de terno azul e chapéu de marinheiro havia dito que ele deveria matá-la, Damiana não conseguia fazer coisa alguma senão chorar e esperar que, de fato, houvesse vida após a morte, um lugar onde ela pudesse ser feliz com aquele menino grande que, sem ter nenhuma consciência de sua condição jamais fora feliz como os coleguinhas da escola que não frequentavam a turma especial.

Quando seu filho arremeteu contra ela perfurando seu estômago, Damiana, mesmo sangrando muito, conseguiu alcançar sua arma num fundo falso de uma gaveta de utensílios de cozinha e, cansada do fardo de amar, pediu a Deus que lhe perdoasse e recebesse a ela e sua criança num lugar onde não existissem doenças mentais.

Débora Évellyn Oliveira Lima, Vitória de Santo Antão –PE- Brasil

Um presente das calemas

Raissa é uma garota linda, media um metro e sessenta e cinco, olhos castanhos, tinha brilho e na pele, negra quente. Raissa era inteligente e tinha quase concluído a sua formação académica e já tinha um emprego (fonte de sustento), mas ainda sim, vivia com os seus pais. Tudo na vida dele sorriu, menos o verdadeiro amor. Teve decepções, desistiu de si, mas depois arregaçou as mangas e prosseguiu. Sempre acreditou que não nasceu para o amor e a pouca sorte ecoava como estrondos. Certa vez, dirigiu-se ao mar, lá no seu calçãozinho e top, com os cabelos a flutuar na brisa, habituada às fortes ondas e porque vivia junto ao mar, sentou-se à beira e observava a tamanha beleza do mar. Ondas rebentavam sequencialmente na beira. No seu clínico olhar, conseguiu ver ao longe um corpo que flutuava sobre as águas, então, Raissa desfez-se das chinelas e fez-se às calemas. Posto lá, percebeu que se tratava de um jovem e aquele estava imobilizado. Em nado e com ajuda das calemas, Raissa conseguiu levá-lo à beira-mar. preocupada estava, no entanto, começou por aplicar as regras de primeiros socorros (fez a respiração boca a boca premiu fundo o seu peito várias vezes e depois, o corpo do jovem expeliu toda água ingerida e começou a tossir. Abriu os olhos e espantado, viu Raissa. Os seus corações pararam por segundos, os seus olhares cruzaram-se. Era o amor à primeira vista. O jovem perguntou quem era ela e ela disse-o que se chamava Raissa e ele disse-a que se chamava Alex. Depois explicou-a como foi parar ao mar e deixar-se afogar pelas calemas. Raissa pegou em suas mãos, levantou-o, ficaram parados frente a frente, sem que se fizessem outras questões, começaram a beijar-se. Era o amor que Raissa tanto procurara. De mãos dadas, Raissa pediu-o que fossem em casa dos pais dela para que Alex tivesse direito a um banho e troca de roupa. Então, seguiram para lá. Tudo aparentou ser o início de uma vida sem fim, pois, começaram a namorar e tudo era bom e muito mesmo.

Mille Tavares,

Lubango-Angola

Laços literários: No mar... no AMAR

Autores: angolanos & brasileiros

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a
angolanos & brasileiros

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

ANTOLOGIA
ANGOLA-BRASIL



**LAÇOS LITERÁRIOS
NO MAR... NO AMAR!**

**A Poesia não tem fronteiras,
e esta obra apenas confirma isso
através da união de dois povos irmãos
«ANGOLA-BRASIL» e seus poetas!**

EQUIPE LUSOFONICA ANGOLA-BRASIL

1º Edição - 2020 - Volume 1